UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

EDUARDO ALCEBÍADES LOPES

**O combate ao Estado Islâmico na gestão Obama
na visão da imprensa dos Estados Unidos**

São Paulo
2018

EDUARDO ALCEBÍADES LOPES

**O combate ao Estado Islâmico na gestão Obama
na visão da imprensa dos Estados Unidos**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Relações
Internacionais do Instituto de Relações
Internacionais da Universidade de São
Paulo, para a obtenção do título de
Mestre em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Peter Robert
Demant

São Paulo
2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo

Lopes, Eduardo Alcebiades

O combate ao Estado Islâmico na gestão Obama na visão da imprensa dos Estados Unidos / Eduardo Alcebiades Lopes. -- Orientador: Peter Robert Demant. São Paulo: 2018. 96p.

Dissertação (mestrado). Universidade de São Paulo. Instituto de Relações Internacionais.

1. Estado Islâmico. 2. Intervenção militar. 3. Política externa – Estados Unidos. 4. Imprensa. 5. Opinião pública. I. Demant, Peter Robert. II. Título.

RESUMO: O objetivo deste trabalho é examinar como os principais veículos de cobertura política da imprensa dos Estados Unidos se posicionaram a respeito da estratégia do governo do presidente Barack Obama para combater o Estado Islâmico no Iraque e na Síria, lançada em setembro de 2014. Referido plano estratégico é relevante, uma vez que representou inflexão na posição até então adotada pela administração Obama de não intervir militarmente no conflito armado em curso na Síria, ao mesmo tempo em que visou manter-se fiel à promessa eleitoral do então mandatário de retirada das tropas norte-americanas das guerras no Iraque e no Afeganistão. Faz-se um breve resumo das circunstâncias em que o plano de combate ao Estado Islâmico foi lançado, bem como dos antecedentes de intervenções militares estadunidenses recentes na região, para então se analisar a estratégia em si e o debate travado em três periódicos (*The New York Times*, *Washington Post* e *The Wall Street Journal*) e de duas redes de televisão (*CNN* e *Fox News*), no período compreendido entre janeiro de 2014 e dezembro de 2014.

Palavras-chave: Estado Islâmico; intervenção militar; política externa americana; imprensa; opinião pública

ABSTRACT: The goal of this work is to review how the main news outlets with political coverage in the United States of America viewed the strategy to counter the Islamic State in Iraq and Syria launched by president Barack Obama in September 2014. Such strategy is a landmark as it represents a turning point in Obama administration's policy not to militarily intervene in the armed conflict in Syria, while also aiming at sustaining the president's electoral promise to withdraw American troops from the wars in Iraq and Afghanistan. After a summary of the circumstances in which the strategy was launched and of the recent US military interventions in the region, this article presents the strategy's main components and analyzes the public debate held on three daily papers (The New York Times, Washington Post and The Wall Street Journal) and two television networks (CNN and Fox News) in the period from January 2014 to December 2014.

Keywords: Islamic State; military intervention; American foreign policy; press; public opinion.

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CDHNU Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas

CIA Agência Central de Inteligência

CIIS Comissão Internacional Independente de Inquérito sobre a República Árabe da Síria

CSNU Conselho de Segurança das Nações Unidas

EACDH Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos

EESGNU-Síria Enviado Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas

EI Estado Islâmico

EUA Estados Unidos da América

FATF Financial Action Task Force

ISAF International Security Assistance Force

NYT The New York Times

ONU Organização das Nações Unidas

OPAQ Organização para a Proibição de Armas Químicas

OTAN Organização do Tratado do Atlântico Norte

UNAMI Missão de Assistência das Nações Unidas no Iraque

WP Washington Post

WSJ The Wall Street Journal

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Tropas dos EUA no Afeganistão entre 2002 e 2016

Figura 2 – Tropas dos EUA no Iraque entre 2003 e 2011

Figura 3 – Áreas sob controle do EI no Iraque e na Síria em setembro/2014

Figura 4 – Gráfico de editoriais impressos (NYT, WP, WSJ)

Figura 5 – Gráfico de matérias na TV (CNN e Fox News)

Figura 6 – Tabela com pesquisas de opinião sobre potenciais ações militares dos EUA

Figura 7 – Tabela com pesquisa de opinião sobre potencial ação militar dos EUA no Iraque por partido político em junho de 2014

Figura 8 – Tabela com pesquisas de opinião sobre retirada das tropas dos EUA do Iraque

Figura 9 – Tabela com pesquisas de opinião sobre a decisão dos EUA de 2003 de enviar tropas do Iraque

Figura 10 – Pesquisas de opinião sobre potencial envolvimento dos EUA no Iraque em 2014

Figura 11 – Tabela com pesquisas de opinião sobre a ações militares dos EUA

Figura 12 – Tabela com pesquisas de opinião sobre o potencial envio de tropas dos EUA ao Iraque e à Síria em setembro de 2014

SUMÁRIO

Introdução	09
1. Metodologia e referencial teórico	12
2. Intervenções militares recentes dos EUA na região	15
2.1. Afeganistão	16
2.2. Iraque	18
2.3. Líbia	19
2.4. Síria: ameaça de intervenção não concretizada	20
3. A estratégia de Obama para combater o Estado Islâmico	21
4. O debate na imprensa norte-americana sobre a estratégia de Obama para combater o Estado Islâmico	26
4.1. <i>The New York Times</i>	27
4.2. <i>Washington Post</i>	32
4.3. <i>The Wall Street Journal</i>	39
4.4. <i>CNN</i>	43
4.5. <i>Fox News</i>	49
5. Pesquisas de opinião	55
5.1. Pesquisas realizadas antes do anúncio da estratégia de Obama	55
5.2. Pesquisas realizadas depois do anúncio da estratégia de Obama	58
Conclusão	61
Bibliografia	64
Apêndice	67

INTRODUÇÃO

Em 10 de setembro de 2014, o presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Barack Obama, fez um pronunciamento¹ à nação em que anunciou a estratégia de seu governo para combater o grupo terrorista autointitulado Estado Islâmico² (EI). O plano incluía uma sistemática campanha de ataques aéreos, aumento do apoio logístico e militar às forças iraquianas, fortalecimento de medidas não-militares de combate ao terrorismo e fornecimento de assistência humanitária aos civis afetados pelo EI.

A principal novidade da estratégia era a inclusão, pela primeira vez desde o início da guerra civil síria em 2011, de ataques aéreos norte-americanos contra alvos do EI na Síria, a exemplo do que já se dava no Iraque, a pedido do governo iraquiano. Tratava-se de significativa inflexão na postura da administração Obama que vinha, até aquele momento, se negando a intervir militarmente no conflito armado em curso na Síria. Mesmo quando a “linha vermelha” traçada pelo próprio presidente estadunidense³, em 20 agosto de 2012, foi cruzada com o uso de armas químicas contra a população em agosto de 2013⁴, Obama decidira não a enviar tropas ou lançar ataques aéreos contra o exército de Bashar Al Assad.

A hesitação do chefe de Estado norte-americano em envolver militarmente seu país no referido conflito parecia estar relacionada a uma gama de fatores, de ordem política tanto externa quanto interna. No plano internacional, a Rússia se opunha firmemente a qualquer intervenção norte-americana na Síria, impedindo a aprovação pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) de medidas que envolvessem o uso da força naquele país⁵. Diante do imobilismo do CSNU e do reconhecimento quase que consensual da comunidade internacional de que era urgente colocar fim ao conflito entre governo e oposição na Síria para que se pudesse combater a ameaça maior representada pelo EI, os EUA concentraram-se em buscar alternativas de ação no âmbito multilateral. Entre estas estavam o amparo à mediação exercida pelo Enviado Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para a Síria (EESGNU-Síria), Steffan de Mistura; o apoio aos trabalhos da Comissão Internacional Independente de Inquérito sobre a

¹ <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/10/statement-president-isil-1>, acesso em 2 Set. 2018.

² Também referido como Estado Islâmico no Iraque e na Síria, Estado Islâmico no Iraque e no Levante ou “Da’esh”, que é a sigla em árabe para al-Daula al-Islamiya al-Iraq wa Sham (Estado Islâmico do Iraque e Sham [Levante]).

³ <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2012/08/20/remarks-president-white-house-press-corps>, acesso em 2 Set. 2018.

⁴ <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2013/08/30/government-assessment-syrian-government-s-use-chemical-weapons-august-21>, acesso em 2 Set. 2018.

⁵ <http://edition.cnn.com/2017/04/13/middleeast/russia-uns-c-syria-resolutions/>, acesso em 2 Set. 2018.

República Árabe da Síria (CIIS)⁶, liderada pelo brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro e encarregada pelo Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas (CDHNU) de investigar todas as alegações de violações de direitos humanos no país; e a criação de mecanismos para eliminar o arsenal de armas químicas do exército sírio, como foi o caso da missão conjunta da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização para a Proibição de Armas Químicas (OPAQ)⁷.

No plano político nacional, Obama parecia disposto a se manter fiel a sua promessa pública de retirar as tropas norte-americanas do Afeganistão e do Iraque⁸, o que significava, ademais, evitar o engajamento direto em ações militares⁹, de duração e consequências imprevisíveis, que pudessem demandar uma atuação direta e em larga escala por parte dos EUA, sobretudo o envio de forças militares para atuar diretamente no terreno. Ocorre que os sucessivos avanços do EI, aproveitando-se da instabilidade e do vácuo estatal tanto no Iraque quanto na Síria, passaram a cobrar um preço humanitário cada vez mais elevado e a criar um risco real de alastramento da ameaça terrorista por toda a região e além.

Diante da deterioração da situação de segurança no Oriente Médio e tendo em vista a disputa eleitoral de meio de mandato marcada para ocorrer em 4 de novembro¹⁰, membros do partido Republicano – de oposição ao governo Obama – elevaram o tom das críticas públicas à política externa do presidente e passaram a exigir uma resposta militar efetiva¹¹ por parte dos EUA. Entre eles, lideranças republicanas como o Senador pelo Arizona John McCain¹² chegaram a culpar o presidente Obama pela situação crítica no Iraque e na Síria, seja por não ter mantido as tropas norte-americanas em território iraquiano, seja por não ter intervindo para derrubar o governo sírio de Assad, que, naquela visão, seria complacente com o avanço do grupo terrorista.

O discurso de Obama, na noite de 10 de setembro de 2014, se dava, portanto, em um contexto de elevada tensão internacional e forte pressão doméstica. Se, por um lado, o envolvimento dos EUA no conflito poderia ser interpretado como um recuo estratégico de

⁶ http://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/ResS17_1.pdf, acesso em 2 Set. 2018.

⁷ [https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/2118\(2013\)](https://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/2118(2013)), acesso em 2 Set. 2018.

⁸ <http://www.nytimes.com/2008/07/15/us/politics/15text-obama.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹ <https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2009/01/21/president-barack-obamas-inaugural-address>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁰ Nas eleições de meio de mandato de 4 de novembro de 2014 nos EUA, foram disputadas todas as 435 cadeiras da Casa dos Representantes; 36 de 100 cadeiras do Senado; 36 cargos de governador de estado e três de governador de território; além da maioria das cadeiras de 46 legislativos estaduais e eleições para prefeitos em diversas cidades do país.

¹¹ <http://www.msnbc.com/msnbc/mike-rogers-republican-lawmakers-urge-aggressive-response-isis>, acesso em 2 Set. 2018.

¹² <http://www.politico.com/story/2014/06/john-mccain-iraq-criticize-barack-obama-107780>, acesso em 2 Set. 2018.

Obama e desrespeito a um dos alicerces de sua plataforma eleitoral, a inação do mandatário, por outro lado, em particular no contexto de paralisia do CSNU e de poucos resultados logrados pela via diplomática, poderia ser interpretada como sinal de fraqueza e como símbolo do declínio da liderança dos EUA no mundo.

A análise da cobertura e posicionamento editorial dos principais veículos da imprensa norte-americana em torno da estratégia de combate ao EI anunciada em setembro de 2014, objeto do presente estudo, revela-se, pois, de particular interesse para refletir sobre as relações entre o debate público na imprensa e a política externa e de segurança norte-americana na administração Obama. Diante da abundância de fontes, análise restringiu-se aos cinco mais representativos veículos da imprensa norte-americana, em termos de cobertura de temas políticos, com o objetivo de compreender como estes se posicionaram em relação à política de Obama para combater o EI no período anterior e posterior ao anúncio presidencial de setembro.

Embora as restrições de tempo tenham limitado o escopo da pesquisa, espera-se que o levantamento e a análise documental contidos nesta dissertação possam servir de base para futuros estudos, que permitam, por exemplo, tentar correlacionar a evolução da cobertura da imprensa política com posições anunciadas e ações adotadas pelo governo Obama em relação ao EI.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira. Apresentam-se, no primeiro capítulo, a delimitação metodológica, em particular o recorte cronológico e de fontes utilizadas, e o marco teórico que orientam a presente pesquisa, incluindo uma breve revisão da literatura que trata do impacto da opinião pública em regimes democráticos. Em seguida, faz-se um resumo dos antecedentes mais recentes de intervenções militares dos EUA na região, por serem relevantes para compreensão contexto da “guerra ao terror” em que se inserem os debates de política externa e de segurança americanas. Dedicar-se, então, um capítulo para situar a estratégia de Obama no contexto de avanço militar e territorial do EI e apresentar os principais componentes do plano norte-americano. A seguir, analisa-se o debate travado na cobertura editorial de três periódicos (NYT, WP e WSJ) e matérias de duas redes de televisão (CNN e Fox News), ao longo de 2014. Antes de se apresentarem as conclusões, são trazidas algumas pesquisas de opinião realizadas antes e depois do anúncio da estratégia de Obama, as quais, embora não sejam o objeto principal deste estudo, ajudam a compor o contexto mais amplo em que se inseriram as decisões de política externa e de segurança do presidente em relação ao EI em 2014.

1. METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO

Delimitou-se a pesquisa ao período de janeiro a dezembro de 2014, uma vez que está contemplado, neste intervalo temporal, a fase de maior expansão territorial do EI, com execução de reféns ocidentais e aquisição de significativas fontes de financiamento, eventos esses que tiveram ampla repercussão na imprensa mundial e na estadunidense em particular. Com efeito, foi em janeiro daquele ano que o EI, ainda não autoproclamado sob esta alcunha, tomou a cidade de Falluja, no Iraque, e Raqqa, na Síria, marcando o início de uma fase de conquistas territoriais do grupo nos dois países, que culminou na tomada da cidade iraquiana de Mossul, em junho de 2014.

O recorte cronológico abarca ainda o início da resposta militar norte-americana contra o EI. Em agosto, os EUA, após apelo feito pelo governo em Bagdá, começam a bombardear alvos do grupo terrorista ao norte do território iraquiano. Em setembro, Obama anuncia sua estratégia de combate ao EI e caças estadunidenses passam a alvejar o EI também na Síria.

Além de compreender, portanto, os primeiros meses após o início da ofensiva militar dos EUA, nos quais se colocava à prova a estratégia adotada por pelo presidente norte-americano, o período pesquisado engloba ainda evento de particular importância para compreender o debate público em curso naquele momento: as eleições de meio de mandato nos EUA, que se realizaram no mês de novembro de 2014.

As fontes pesquisadas – NYT, WP e WSJ (periódicos escritos); CNN e Fox News (redes nacionais de televisão) – foram escolhidos por representarem os veículos de comunicação mais utilizados por liberais e conservadores para ter acesso a notícias de natureza política nos EUA. Com diferentes linhas editoriais, posicionamentos políticos e penetração junto aos grupos de interesse, como demonstra a pesquisa do *Pew Research Institute* detalhada abaixo, a escolha dos referidos veículos de imprensa permite mitigar as limitações resultantes da tendência política e econômica dos seus controladores empresariais¹³.

Em pesquisa¹⁴ realizada com 10 mil participantes, o *Pew Research Center* classificou os consumidores do noticiário político norte-americano em cinco categorias (consistentemente

¹³ O jornal NYT é de propriedade de The New York Times Company, empresa com ações listadas na bolsa de valores de Nova York (NYSE), mas o controle acionário da família Ochs-Sulzberger há seis gerações. O jornal WP foi adquirido, em outubro de 2013, da família Graham pela Nash Holdings, empresa estabelecida pelo empresário Jeff Bezos, fundador e controlador da Amazon.

O jornal WSJ pertence ao grupo News Corp, controlado por Robert Murdoch e sua família, que também são controladores da empresa 21st Century Fox, esta proprietária do canal Fox News, criado pelo próprio Murdoch. O canal CNN é de propriedade de Turner Broadcasting System, que é uma divisão da WarnerMedia, esta uma subsidiária da AT&T, a maior empresa de telecomunicações do mundo.

¹⁴ <http://www.journalism.org/2014/10/21/political-polarization-media-habits/>, acesso em 2 Set. 2018.

liberal; majoritariamente liberal; posições mistas; majoritariamente conservador; e consistentemente conservador) e identificou as principais fontes de notícias por eles utilizadas. Segundo a pesquisa, a Fox News e CNN são os dois veículos de comunicação mais utilizados pelos norte-americanos para ter acesso ao noticiário político: 44% dos pesquisados citaram como fonte a CNN e 39%, a Fox News. Dentro do espectro segmentado pela pesquisa, 47% dos consistentemente conservadores e 31% dos majoritariamente conservadores mencionaram a Fox News como fonte de notícias políticas; já a CNN é a principal fonte de informação para 15% dos consistentemente liberais, 20% dos majoritariamente liberais e 20% dos indivíduos com posições mistas.

Já no que se refere aos periódicos escritos, a mesma pesquisa aponta que 13% citaram o NYT como fonte de informação política, 10% mencionaram o WSJ e 8% indicaram o WP. Na segmentação por viés ideológico, os números da pesquisa mostram que: 33% dos consistentemente liberais e 15% dos majoritariamente liberais consultam o NYT para acompanhar a cena política; 16% dos consistentemente conservadores e 13% dos majoritariamente conservadores citaram o WSJ; 17% dos consistentemente liberais e 9% dos majoritariamente liberais mencionaram o WP.

O material reunido na pesquisa foi estudado aplicando-se a metodologia de análise de conteúdo de Krippendorff (2004), como se descreve a seguir. Foram examinados os editoriais publicados nos periódicos escritos e a transcrição das reportagens levadas ao ar no chamado *primetime* da televisão – período que vai das 20h00 às 23h00 e é marcado pelos mais elevados índices de audiência nos EUA. No que diz respeito à imprensa escrita, foram analisadas publicações de natureza editorial sobre o tema, examinando-se a frequência (número de vezes que foi publicado) e hierarquia (chamada na primeira página ou apenas interior da publicação). No caso das redes de televisão, foram analisadas a frequência (número de vezes que o tema foi ao ar), hierarquia (se na abertura do telejornal ou no meio/fim do telejornal) e duração (longa ou curta, medida em minutos) das reportagens sobre o assunto. Dessa forma, buscou-se apurar tanto a importância relativa que os veículos atribuíram ao tema, como também a frequência com que emitiram alguma opinião a respeito.

Foram, ainda, identificados os principais personagens do governo norte-americano envolvidos no assunto: Barack Obama (presidente), Joe Biden (vice-presidente), John Kerry (secretário de Estado), Chuck Hagel (secretário de Defesa) e General Martin Dempsey (chefe do Estado-Maior Conjunto). Também foram identificados os principais órgãos de Estado relacionados com a estratégia: Casa Branca, Pentágono, Departamento de Estado, Departamento de Defesa, Agência Central de Inteligência (CIA) e Congresso. Fez-se, então,

uma análise de adjetivação direta (ao lado do nome ou pronome) ou contextual (dentro do contexto mais amplo da matéria). Essa análise da adjetivação resultou na atribuição de uma qualificação positiva, negativa ou ambígua dada pelo veículo de comunicação.

A literatura a amparar a presente análise se debruça sobre o impacto da opinião pública em regimes democráticos. Holsti (2004) dedica-se a estudar a relação entre opinião pública e política externa, questionando se aquela pode representar um óbice à definição e à busca do interesse nacional, como, por exemplo, no caso de operações militares cujo planejamento e execução podem ser afetados pela pressão pública por resultados imediatos. O autor discute a capacidade da opinião pública de julgar, de maneira informada, questões complexas como as envolvidas em política externa e de segurança. A conclusão de Holsti é a de que, embora não disponha de todas as informações relevantes para a tomada de decisão em questões externas, o público americano, em geral, adota posicionamento relativamente estável e razoável. Mais que isso, a partir de estudos correlacionais, Holsti conclui que a opinião pública pode ter impacto relevante em decisões de política externa, seja mudando o equilíbrio em prol de uma política específica, seja eliminando determinadas políticas que tenham sido desaprovadas pela população.

Nincic (1992) e Foyle (1997), ainda que abordando a temática por diferentes ângulos, apontam para o fato de que a opinião pública exerce influência sobre os formuladores de políticas públicas. Para Nincic (1992), o formulador de políticas fica particularmente sensível à opinião pública em anos eleitorais ou momentos de reduzida popularidade. Além das circunstâncias do momento, Foyle (1997) acrescenta que a natureza do assunto em questão – militar ou econômica, por exemplo – também é um fator de maior ou menor grau de influência da opinião pública sobre a decisão política.

Nota-se, portanto, o crescente número de estudos que reconhecem o impacto da opinião pública sobre a formulação da política externa e de autores que enfatizam, em particular, a influência de fatores situacionais na tomada de decisão política. Ainda que não se proponha, nesta monografia, determinar a correlação entre a opinião pública norte-americana e a política externa dos EUA, revela-se de particular importância compreender as circunstâncias tanto próximas quanto imediatas ao anúncio da estratégia de Obama para combater o EI, assim como o posicionamento do debate travado nos principais veículos de imprensa a esse respeito.

2. INTERVENÇÕES MILITARES RECENTES DOS EUA NA REGIÃO

Desde 2001, os EUA lideraram, ou tiveram participação, em intervenções militares internacionais em países do Grande Oriente Médio¹⁵ acusados de patrocinar o terrorismo ou de violar maciçamente os direitos humanos de sua população. Os exemplos mais notórios são a invasão no Afeganistão (2001) e a ocupação no Iraque (2003). Também é o caso da operação na Líbia que levou à queda de Kadhafi (2011), ainda que nesta a liderança tenha sido exercida por forças de países aliados (França e Reino Unido). Embora cada uma destas ações tenha suas particularidades, inclusive no que se refere a sua legalidade à luz do Direito Internacional Público e ao respaldo que receberam da comunidade internacional, um dos traços que as assemelha é o efeito desestabilizador que tiveram no país e na região onde se realizaram.

Atingiu-se, por estas ações militares, o propósito de retirar do poder regimes tirânicos que abrigavam terroristas e ameaçavam, inclusive com supostas armas de destruição em massa, a segurança internacional. Não se logrou, porém, promover a democratização e a liberalização social pretendidas, às quais se seguiriam, segundo os planos de intervenção, um quadro de estabilização e segurança. No caso do Afeganistão e do Iraque, as dificuldades em cumprir a missão estabelecida levaram ao prolongamento das guerras, consumindo milhares de vidas e trilhões de dólares aos cofres dos EUA¹⁶, que resultaram num cansaço do eleitorado norte-americano (DEMANT 2015) em relação à participação do país em guerras distantes e intermináveis. No caso da Líbia, a estratégia dos EUA de atuar como coadjuvante (no que ficou conhecido como *leading from behind*¹⁷), apesar de inserida no contexto de maior inclinação da opinião pública a um isolacionismo norte-americano, não deixou de sofrer também questionamentos, em especial, após o ataque perpetrado por milícias armadas contra a Embaixada dos EUA em Benghazi, que resultou na morte do embaixador Christopher Stevens, em 11 de setembro de 2012.

¹⁵ Grande Oriente Médio refere-se aos países do mundo árabe, mais Afeganistão, Irã, Israel, Turquia e Paquistão.

¹⁶ <http://watson.brown.edu/costsofwar/files/cow/imce/papers/2016/Costs%20of%20War%20through%202016%20FINAL%20final%20v2.pdf>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁷ A referida frase não foi dita por Obama em nenhum pronunciamento, mas, segundo o jornalista da New Yorker Ryan Lizza, foi com esta expressão que um dos assessores da Casa Branca descreveu as ações do presidente na Líbia. <https://www.newyorker.com/magazine/2011/05/02/the-consequentialist>, acesso em 2 Set. 2018.

2.1. AFEGANISTÃO

A invasão do Afeganistão, semanas depois dos ataques de 11 de setembro, foi encabeçada pelos EUA e contou com o apoio de Reino Unido, Canadá, Austrália, Alemanha e Aliança do Norte¹⁸. O governo norte-americano havia solicitado ao Talibã que expulsasse a al-Qaeda do Afeganistão e entregasse Osama bin Laden, acusado de ser o mentor dos ataques terroristas simultâneos nos EUA. Não encontrando a cooperação desejada por parte do Talibã e contando com a solidariedade e apoio moral da maior parte da comunidade internacional, a Operação Liberdade Duradoura foi iniciada em 7 de outubro de 2001¹⁹.

A invasão do Afeganistão foi fundamentada pelos EUA no artigo 51 da Carta da ONU²⁰, que prevê o direito de legítima defesa individual ou coletiva no caso de ataque armado contra um membro da ONU, que pode ser exercido até que o CSNU tome as medidas necessárias para a manutenção da paz e segurança internacionais. Segundo o então Secretário-Geral da ONU, Kofi Annan²¹, a ação militar no Afeganistão se dava num contexto em que o próprio CSNU, ainda que não tivesse mandatado a operação, houvera manifestado sua disposição de combater, por todos os meios, as ameaças à paz e segurança internacionais causadas por atos terroristas, bem como reafirmado o direito de legítima defesa. Cerca de dois meses após o lançamento da Operação Liberdade Duradoura, o CSNU adotou a resolução 1386²², pela qual sacramentou a intervenção estrangeira no Afeganistão ao criar a *International Security Assistance Force* (ISAF) com a missão de amparar a autoridade afegã interina a manter a segurança do país.

A fase inicial da ofensiva internacional foi marcada pela bem-sucedida expulsão do Talibã das principais cidades, como a capital Kabul, Kunduz e Kandahar. Os meses e anos seguintes, porém, foram de altos e baixos, em especial após a reorganização do Talibã em 2003 e fortalecimento da insurgência contra a ISAF. Osama bin Laden só viria a ser capturado e executado extrajudicialmente em 2011 e, apesar das reiteradas tentativas de retirada das tropas

¹⁸ Oficialmente denominada Frente Islâmica Unida para a Salvação do Afeganistão, a Aliança do Norte é um grupo armado multiétnico criado nos anos 1990 no Afeganistão para combater o regime Talibã.

¹⁹ https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/infocus/bushrecord/documents/Selected_Speeches_George_W_Bush.pdf, acesso em 2 Set. 2018.

²⁰ “Nothing in the present Charter shall impair the inherent right of individual or collective self-defence if an armed attack occurs against a Member of the United Nations, until the Security Council has taken measures necessary to maintain international peace and security. Measures taken by Members in the exercise of this right of self-defence shall be immediately reported to the Security Council and shall not in any way affect the authority and responsibility of the Security Council under the present Charter to take at any time such action as it deems necessary in order to maintain or restore international peace and security.” Artigo 51 da Carta das Nações Unidas: <http://www.un.org/en/sections/un-charter/chapter-vii/index.html>, acesso em 2 Set. 2018.

²¹ http://avalon.law.yale.edu/sept11/un_005.asp, acesso em 2 Set. 2018.

²² [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1386\(2001\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1386(2001)), acesso em 2 Set. 2018.

estrangeiras do terreno, militares americanos e de outros integrantes da OTAN permanecem em território afegão, ainda que na condição de assessores militares e engajados em operações especiais de contraterrorismo.

Figura 1 – Tropas dos EUA no Afeganistão entre 2002 e 2016.

Obama Rethinks Withdrawal From Afghanistan

A couple of years ago, Obama had said the US would have only minimal troops in Afghanistan by the end of 2016. Last year, he said it would be 5,500. Today, he added a few thousand onto that, saying that by the end of this year there would be 8,400 troops in Afghanistan.

Fonte: NPR

2.2. IRAQUE

A ocupação do Iraque liderada pelos EUA em 2003, por sua vez, não foi expressamente autorizada nem posteriormente sacramentada pelo CSNU²³, o que gerou amplo debate acerca da legalidade da ação. Alegando que o Iraque dispunha de armas de destruição em massa²⁴, em violação a determinação anterior do próprio CSNU²⁵, e que o regime de Saddam Hussein apoiava e patrocina grupos terroristas como a al-Qaeda²⁶, responsável pelos atentados do 11 de setembro, os EUA argumentaram se tratar de ação de legítima defesa preventiva²⁷, alargando o conceito estipulado no artigo 51 da Carta da ONU.

Três dos cinco membros permanentes do CSNU se opuseram à intervenção no Iraque, apoiada apenas por Reino Unido, Austrália e Polônia, que enviaram tropas para a coalizão. As críticas da maioria da comunidade internacional, inclusive por parte do Brasil, apontavam não apenas a ilegalidade da intervenção à luz do Direito Internacional Público, mas, sobretudo, seu efeito deletério sobre a credibilidade e estabilidade do sistema multilateral de paz e segurança forjado na Carta da ONU.

No esfera doméstica norte-americana, a legitimidade da intervenção, que vinha sendo questionada por atores internacionais, foi também posta em dúvida xequê com o passar do tempo. A comprovação da inexistência das supostas armas de destruição em território iraquiano, as dificuldades em completar a missão de democratização e a crescente onda de insegurança e violência na qual o Iraque mergulhou serviram de combustível aos críticos da ocupação que derrubara Saddam Hussein.

²³ A Carta das Nações Unidas atribui ao Conselho de Segurança a responsabilidade primária pela manutenção da paz e segurança internacionais (artigo 24), cujas decisões são vinculantes a todos os Estados-membros da ONU (artigo 25). O Capítulo VII da Carta da ONU determina que compete ao Conselho de Segurança decidir sobre a imposição de medidas coercitivas, incluindo o uso da força, em caso de ameaça à paz, ruptura da paz ou ato de agressão

²⁴ “The Iraqi regime has violated all of those obligations. It possesses and produces chemical and biological weapons. It is seeking nuclear weapons. It has given shelter and support to terrorism, and practices terror against its own people. The entire world has witnessed Iraq's eleven-year history of defiance, deception and bad faith.” Discurso do Presidente dos EUA, George W. Bush, 7 de outubro de 2002: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2002/10/20021007-8.html>, acesso em 2 Set. 2018.

²⁵ Resolução 687, de 1991, e Resolução 1441, de 2002.

²⁶ “Saddam Hussein's pursuit of weapons of mass destruction poses a grave danger -- not only to his neighbors, but also to the United States. His regime aids and protects terrorists, including members of al Qaeda. He could decide secretly to provide weapons of mass destruction to terrorists for use against us.” Discurso do Vice-Presidente dos EUA, Dick Cheney, 30 de janeiro de 2003: <https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/01/20030130-16.html>, acesso em 2 Set. 2018.

²⁷ “The President is authorized to use the Armed Forces of the United States as he determines to be necessary and appropriate in order to (1) defend the national security of the United States against the continuing threat posed by Iraq”. Resolução Conjunta do Congresso dos EUA, 16 de outubro de 2002: <https://www.congress.gov/bills/107th-congress/house-joint-resolution/114/text>, acesso em 2 Set. 2018.

Figura 2 – Tropas dos EUA no Iraque entre 2003 e 2011.

US troop levels in Iraq - March 2003 to December 2011

Fonte: Brookings Institution

2.3. LÍBIA

A ação militar na Líbia, em 2011, conduzida majoritariamente pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e que resultou na derrubada do regime de Muammar Kadafi, sofreu também questionamentos jurídicos e críticas quanto ao seu desdobramento. Os EUA, já sob a gestão Obama, apoiaram a ação, mas optaram, na esteira do desgaste provocado pelas guerras no Afeganistão e no Iraque, por um papel de coadjuvante na operação militar.

Diante da repressão violenta aos protestos populares que eclodiram na Líbia durante a Primavera Árabe, o CSNU adotou, por consenso, a Resolução 1970 (2011), impondo sanções contra Kadafi e determinando a imediata cessação das violações de direitos humanos. O agravamento do quadro, com ataques indiscriminados a civis e obstrução da ajuda humanitária, levou à adoção, já sem o mesmo consenso²⁸, da Resolução 1973 (2011), estabelecendo uma zona de exclusão aérea para proteção de civis e autorizando os Estados-membros a utilizarem “todas as medidas necessárias” para garantir o cumprimento da exclusão aérea. Com base neste texto, formou-se uma coalizão, constituída em grande parte por membros da OTAN, cuja ação

²⁸ Votaram a favor África do Sul, Bósnia-Herzegovina, Colômbia, EUA, França, Gabão, Líbano, Nigéria, Portugal e Reino Unido; abstiveram-se Alemanha, Brasil, China, Índia e Rússia.

militar ultrapassou os alegados propósitos humanitários e se voltou a promover a mudança de regime.

A excessiva liberdade interpretativa na execução do mandato outorgado pelo CSNU e o suposto desvirtuamento deste foram criticados por diversos países, entre os quais o Brasil, que à época ocupava assento não-permanente (2010-2011). A alegada extrapolação do mandato atribuído para ação internacional na Líbia também causou efeitos sistêmicos negativos ao multilateralismo, alimentando desconfianças entre os membros com direito à veto e contribuindo para a persistente dificuldade na construção de consensos em torno de qualquer iniciativa multilateral, notadamente no caso do conflito armado na Síria.

No âmbito doméstico, a opção do governo Obama de manter um perfil baixo na intervenção na Líbia foi questionada, desde o início, por parte da oposição republicana. O fracasso do processo de transição para a democracia, a guerra sangrenta entre facções e, principalmente, o ataque que resultou na morte do embaixador norte-americano em Benghazi exacerbaram o criticismo à política de Obama.

2.4. SÍRIA: AMEAÇA DE INTERVENÇÃO NÃO CONCRETIZADA

Em relação ao conflito armado que eclodiu na Síria na esteira da brutal repressão do governo Assad contra os protestos realizados no contexto da Primavera Árabe, o CSNU não foi capaz de adotar nenhuma resolução impondo medidas coercitivas – como sanções, embargos de armas, zona de exclusão aérea – visando a proteção de civis e o fim do conflito armado entre governo e oposição, apesar de o conflito no país ter vitimado centenas de milhares de pessoas.

Enquanto os esforços diplomáticos patinavam, grupos extremistas violentos se fortaleceram, conquistaram terreno e passaram a perpetrar os mais graves crimes e violações de direitos humanos em território iraquiano e sírio. A incapacidade de ação multilateral decisiva, indispensável para colocar fim ao conflito e ao massacre à população civil, acabou contribuindo, indiretamente, para o surgimento de nova ameaça à paz e segurança na região e além: grupos jihadistas fortes, com base territorial estratégica, capacidade militar e fontes de financiamento, como a veio se tornar o EI.

A inação dos EUA após o uso de armas químicas pelo governo Assad, a despeito de o próprio presidente Obama ter dito que essa era uma “linha vermelha”, ensejou novamente críticas pela alegada falta de liderança do mandatário diante de um massacre em curso contra civis.

3. A ESTRATÉGIA DE OBAMA PARA COMBATER O EI

Nos meses que antecederam o anúncio da estratégia de Obama para combater o EI, o grupo terrorista acumulava significativas conquistas de territórios, fontes de financiamento e de combatentes.

Figura 3 – Áreas sob controle do EI no Iraque e na Síria em setembro/2014.

Fonte: NYT²⁹

No Iraque, registraram-se a tomada da cidade de Faluja³⁰, em janeiro; das cidades de Mossul³¹, a segunda maior do país, e de Tikrit³², situada a menos de 200 quilômetros da capital, em junho; e da cidade de Sinjar³³, o que resultou num massacre e fuga em massa da população de maioria Yazidi³⁴, em agosto. Na Síria, o EI dominou a cidade de Raqqa, a primeira capital provincial a ser totalmente subjugada pelo grupo, em janeiro; e a estratégica passagem de fronteira entre a província de Deir Ezzor, na Síria, e o território iraquiano, em junho.

²⁹ <https://www.nytimes.com/interactive/2014/09/16/world/middleeast/how-isis-works.html>, acesso em 2 Set. 2018.

³⁰ <http://www.bbc.com/news/blogs-echochambers-25629784>, acesso em 2 Set. 2018.

³¹ <https://www.theguardian.com/world/2014/jun/10/iraq-sunni-insurgents-islamic-militants-seize-control-mosul>, acesso em 2 Set. 2018.

³² <https://www.theguardian.com/world/2014/jun/11/isis-militants-seize-control-iraqi-city-tikrit>, acesso em 2 Set. 2018.

³³ <https://www.theguardian.com/world/2014/aug/07/40000-iraqis-stranded-mountain-isis-death-threat>, acesso em 2 Set. 2018.

³⁴ Yazidis são perseguidos pelo Estado Islâmico por serem considerados politeístas e cultuadores do diabo. De origem sincrética, derivada do zoroastrismo, cristianismo e islã, a religião cultua sete anjos, o principal deles que se acredita ser o autor do mal, mas que foi perdoado e estaria governando o mundo.

A expansão territorial do grupo terrorista foi tanto causa como consequência do aumento de suas fontes de financiamento. Segundo relatório da *Financial Action Task Force* (FATF)³⁵, a fonte primária de receitas do EI estava vinculada a práticas ilícitas decorrentes da ocupação de territórios. Entre tais fontes estavam o saque a bancos, extorsão, controle de campos de petróleo e refinarias e roubo de ativos econômicos. Somente com a tomada de Mosul, estima-se que a organização terrorista tenha se apoderado de montante superior a US\$ 400 milhões em dinheiro e barras de ouro³⁶. O poderio financeiro permitiu ao grupo expandir sua base de combatentes, que recebiam um salário médio estimado de US\$ 350 a US\$ 400 por mês, chegando a ter, segundo estimativa da CIA³⁷, entre 20.000 e 31.500 combatentes no Iraque e na Síria.

Conforme avançava sobre cidades e colocava milhares de sírios e iraquianos sob seu jugo, o EI espalhava terror, praticando as maiores atrocidades contra a população local e levando a deslocamentos populacionais forçados em larga escala. De acordo com relatório³⁸ conjunto da Missão de Assistência das Nações Unidas no Iraque (UNAMI) e do Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (EACDH), somente a tomada de Mosul resultou na fuga de 500.000 pessoas; até agosto, o total de indivíduos deslocados no Iraque em 2014 era da ordem de 1,8 milhão e o total de civis mortos ou feridos ultrapassava os 24.000. A lista de violações cometidas, incluindo crimes contra a humanidade, em território iraquiano pelo EI no mesmo período era extensa: ataques deliberados e execuções de civis; raptos, estupro e outras formas de violência sexual e física perpetrada contra mulheres e crianças; recrutamento de crianças; destruição ou profanação de lugares de importância religiosa ou cultural; destruição e a pilhagem de bens; e negação de liberdades fundamentais.

Na Síria, o impacto humanitário da ocupação pelo EI não era menos dramático. No relatório *Rule of Terror: Living under ISIS in Syria*³⁹, produzido para documentar especificamente as atrocidades cometidas pela organização terrorista na Síria em 2014, a CIIS aponta que execuções, amputações e açoitamento em espaços públicos haviam se tornado uma ocorrência regular, assim como a exibição de corpos mutilados. Além de impor regras sobre como as mulheres deveriam se vestir, com quem poderiam socializar e onde poderiam trabalhar,

³⁵ <http://www.fatf-gafi.org/media/fatf/documents/reports/Financing-of-the-terrorist-organisation-ISIL.pdf>, acesso em 2 Set. 2018.

³⁶ <https://www.bloomberg.com/news/articles/2014-06-20/iraqs-isis-jihadists-want-an-oil-state-of-their-own-too>, acesso em 2 Set. 2018.

³⁷ <http://edition.cnn.com/2014/09/11/world/meast/isis-syria-iraq/>, acesso em 2 Set. 2018.

³⁸ http://www.ohchr.org/Documents/Countries/IQ/UNAMI_OHCHR_POC_Report_FINAL_6July_10September2014.pdf, acesso em 2 Set. 2018.

³⁹ https://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/HRC_CRP_ISIS_14Nov2014.doc, acesso em 2 Set. 2018.

o grupo executou, por apedrejamento, inúmeras mulheres somente por manterem contato não aprovado com o sexo oposto. Casamentos forçado, tráfico de mulheres e escravidão sexual também passaram a ser rotina em áreas dominadas pelo EI na Síria, assim como tortura, sequestros e execuções de toda sorte.

Além das significativas conquistas materiais e das mais graves violações de direitos humanos cometidas contra a população civil local, o grupo terrorista também dera início, em retaliação aos ataques aéreos norte-americanos contra alvos do EI no Iraque, a execução de reféns ocidentais, assassinados com variados requintes de crueldade e transmissão ao vivo pela internet e outros meios de comunicação. Em 19 de agosto, o jornalista estadunidense James Foley é decapitado e o vídeo de sua execução amplamente divulgado pelo grupo terrorista⁴⁰. Alguns dias depois, em 2 de setembro, um novo vídeo de decapitação é publicado pelo EI, desta vez tendo como vítima outro jornalista norte-americano, Steven Sotloff⁴¹ – desta feita, os executores fazem questão de atribuir a responsabilidade pela execução do refém ao presidente Barack Obama.

Nesse contexto, o mandatário estadunidense anunciou, na noite de 10 de setembro de 2014, uma estratégia “abrangente e sustentada” de contraterrorismo com o objetivo de “desintegrar e, finalmente, destruir” o EI. Enfatizando que sua mais alta prioridade era a segurança do povo americano, Obama alegou que o grupo terrorista representava ameaça aos povos do Iraque e da Síria e ao Oriente Médio como um todo, incluindo cidadãos, funcionários e instalações norte-americanas; afirmou que, se não fosse controlado, o EI poderia vir a constituir ameaça crescente à região e aos EUA; assegurou que seu país seria acompanhado por “ampla coalizão de parceiros” em todas as etapas da estratégia desenhada.

O presidente norte-americano defendeu, ainda, que a ofensiva militar era diferente das últimas guerras no Iraque e no Afeganistão, pois não envolveria “tropas americanas combatendo em solo estrangeiro”⁴². A campanha contra o terrorismo se daria por meio de “ataques aéreos e apoio a forças parceiras no terreno”, à semelhança da estratégia “perseguida com sucesso (sic) no Iêmen e na Somália”⁴³. Ao comparar o novo plano com as ações nestes dois países, dissociando-o das guerras no Iraque e no Afeganistão, Obama parece ter buscado

⁴⁰ <https://www.nytimes.com/2014/08/20/world/middleeast/isis-james-foley-syria-execution.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁴¹ <https://www.nytimes.com/2014/09/03/world/middleeast/steven-sotloff-isis-execution.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁴² <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/10/statement-president-isis-1>, acesso em 2 Set. 2018.

⁴³ <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/10/statement-president-isis-1>, acesso em 2 Set. 2018.

evitar a crítica de que estaria voltando ao Iraque e ingressando no conflito sírio, o que representaria descumprir sua promessa de retirada das tropas.

O plano desdobrava-se em quatro componentes⁴⁴:

- a) *Campanha sistemática de ataques aéreos* contra o EI tanto no Iraque quanto na Síria;
- b) *Aumento do apoio às forças que combatem o EI no terreno*. No Iraque, essa medida consistia no envio de centenas de militares americanos, sem missão de combate, para apoiar as forças iraquianas e curdas na forma de treinamento, inteligência e fornecimento de equipamentos. Na Síria, tratava-se de elevar a ajuda militar – treinamento e equipamento – para a oposição armada ao governo de Bashar Al Assad.
- c) *Fortalecer medidas de contraterrorismo para prevenir ataques do Estados Islâmico*. Na prática, tratava-se de esforços para cortar as fontes de financiamento do grupo terrorista e conter o fluxo de combatentes terroristas estrangeiros dentro e fora do Oriente Médio, de ações preventivas de inteligência e da mobilização da comunidade internacional, por meio do CSNU.
- d) *Prestação de assistência humanitária* a civis inocentes deslocados pelo EI – fossem eles sunitas, xiitas cristãos ou pertencentes a qualquer outra minoria religiosa.

Apesar de não ter inovado no que diz respeito à natureza das ações empregadas pelos EUA, a estratégia anunciada por Obama se diferenciava pela possibilidade declarada de incluir – como de fato se concretizou – ataques aéreos contra alvos do EI em território sírio. No que diz respeito ao Iraque, onde tais ataques já vinham ocorrendo há semanas, a ofensiva estaria fundamentada em pedido expresso de Bagdá, que viria apoiando execução da operação. Já no caso da Síria, não houve solicitação ou aval do governo em Damasco, tampouco de decisão do CSNU autorizando o uso da força em território sírio.

A Casa Branca não dedicou maiores esforços a esclarecer qual seria o embasamento, do ponto de vista do Direito Internacional Público, para a realização dos ataques em território sírio, limitando-se a dizer que os EUA “continuam a enfrentar uma ameaça terrorista”⁴⁵. O fundamento da ação estaria, assim, no direito de legítima defesa, definido no artigo 51 da Carta da ONU, o qual, por essa lógica, permitiria aos EUA o assassinato seletivo de pessoas, tais

⁴⁴ <https://obamawhitehouse.archives.gov/blog/2014/09/10/president-obama-we-will-degrade-and-ultimately-destroy-isil>, acesso em 2 Set. 2018.

⁴⁵ <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/10/statement-president-isil-1>, acesso em 2 Set. 2018.

como líderes da al-Qaeda que estivessem planejando ataques terroristas, dentro ou fora de teatros de operações de guerra declarados. Por essa visão, os EUA teriam a prerrogativa de perseguir unilateralmente alvos em outros Estados, sem necessidade de consentimento prévio destes, caso estes não estivessem dispostos ou fossem incapazes de lidar de forma efetiva com a ameaça - apontava-se, nesse sentido, a ausência de controle estatal nas áreas dominadas pelo EI, sem perspectiva de sua retomada no curto prazo por conta da guerra civil em curso, bem como alegada ilegitimidade do governo em Damasco.

4. O DEBATE NA IMPRENSA NORTE-AMERICANA SOBRE A ESTRATÉGIA DE OBAMA PARA COMBATER O EI

A crise no Oriente Médio e a emergência do EI no Iraque e na Síria foram objeto de ampla cobertura pela imprensa norte-americana. A importância atribuída ao tema fica patente pelos 125 editoriais dedicados ao tema nos três jornais impressos analisados em 2014: 74 até a data do lançamento da estratégia de Obama, numa média de um editorial a cada 3,4 dias, e 51 após esta data, numa média de um editorial a cada 2,2 dias.

Do total de editoriais publicados, seis foram considerados positivos à política de Obama; 84 foram negativos, e 35 foram ambíguos. É de se ressaltar que os editoriais positivos foram todos publicados antes do dia 10 de setembro. Antes desta data, 62% dos editoriais publicados foram negativos, proporção essa que sobe para 75% após o anúncio da estratégia do governo americano para lidar com a crise.

Figura 4 – Gráfico de editoriais impressos (NYT, WP, WSJ)

Fonte: próprio autor

Observa-se, portanto, que os referidos veículos de comunicação impressa exerceram forte pressão sobre o governo, tanto antes quanto depois do anúncio feito por Obama. Com efeito, uma vez lançada, a estratégia militar não foi capaz de angariar o apoio de nenhum dos periódicos, não tendo gerado nenhum editorial predominantemente favorável.

No âmbito da televisão, a cobertura não foi menos intensa. Nas duas redes analisadas, nada menos que 189 matérias sobre a crise envolvendo o Estado Islâmico foram ao ar no horário nobre da televisão americana em 2014. Daquele total, 112 matérias foram veiculadas antes de 10 de setembro, numa média de uma matéria a cada 2,3 dias, e 77 após esta data, numa média de uma matéria a cada 3,3 dias. Do total de matérias, somente uma foi positiva; 85 foram negativas, e 103 foram ambíguas.

Figura 5 – Gráfico de matérias na TV (CNN e Fox News)

Fonte: próprio autor

4.1. NYT

Ao longo de 2014, o jornal diário NYT se posicionou 36 vezes sobre a política americana em relação à ascensão do EI nos conflitos no Iraque e na Síria. Até 10 de setembro de 2014, o NYT publicou 16 editoriais sobre o tema. Após o pronunciamento à nação do presidente Obama anunciando a estratégia de seu governo para combater o EI, o jornal intensificou seu foco no assunto publicando 20 editoriais num período de menos de quatro meses. O primeiro bloco de publicações teve conteúdo com maior variação entre positivo e negativo. No segundo bloco, predominaram as críticas.

NYT				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	4	18	14	36

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	4	3	9	16

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	0	15	5	20

Em geral, o teor dos artigos oscilou de apoio contido, acompanhado de recomendações sobre os passos mais adequados para o futuro, a crítica ao comportamento do presidente Obama e do Congresso. A posição do jornal foi a de evitar uma intervenção armada por parte dos EUA e os custos a ela relacionados, sejam estes financeiros ou em vidas americanas que seriam colocadas em risco com envio de tropas ao terreno.

O NYT foi consistente desde o primeiro artigo na indicação de que paz na região jamais seria alcançada somente com uma ação militar, mas sim com a constituição de um governo estável e democrático que considerasse as opiniões de diferentes etnias e sectos da sua população. Em “More Guns Will Not Save Iraq”, de 31 de dezembro de 2013, o conselho editorial do NYT afirmou que “But arms alone will not solve a problem that has its roots in the political alienation of Sunnis and other minorities and the undermining of democratic processes”⁴⁶. Também consistentemente, o jornal indicou erros do primeiro-ministro do Iraque, Nuri Kamal al-Maliki, e pediu a sua saída do cargo, como ficou evidenciado no editorial “Iraq Needs a New Prime Minister”, de 11 de agosto de 2014, em que o periódico afirma que “Iraq needs a legitimate government, which means Mr. Maliki should step aside”⁴⁷.

⁴⁶ <https://www.nytimes.com/2014/01/01/opinion/more-guns-will-not-save-iraq.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁴⁷ <https://www.nytimes.com/2014/08/12/opinion/iraq-needs-a-new-prime-minister.html>, acesso em 2 Set. 2018.

No período subsequente ao assassinato dos jornalistas americanos James Foley (19 de agosto) e Steven Sotloff (2 de setembro) pelo EI, o NYT mostrou uma maior tendência a apoiar uma ação militar, identificando o grupo terrorista como autor de atos de selvageria. Em “A Necessary Response to ISIS”, de 24 de agosto de 2014, o jornal afirma que “The recent persecution of Christians and Yazidis and the murder of James Foley, an American journalist, has brought ISIS’s savagery into full view”⁴⁸. Algumas semanas depois, em “The Fundamental Horror of ISIS”, de 2 de outubro de 2014, o NYT reforça a brutalidade do EI, sem deixar de matizar que não se trata de uma característica única ao grupo, mas já observada em atrocidades cometidas pelo homem em períodos não muito distantes da história humana:

*The masked man or men who beheaded the American journalists James Foley and Steven Sotloff apparently came from Britain yet seemed to revel in taking a knife to the throats of innocent men. To claim that this savagery is rooted in a certain people or a certain religion is to forget that the great atrocities of our age have been perpetrated on different continents by people professing different ideologies and different religions. Before the Islamic State there was Rwanda, and the Lord’s Resistance Army and the killing fields of Cambodia, and before that, in Europe, the Holocaust.*⁴⁹

NYT				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	6	17	14	37
2. Adjetivação pessoa	2	4	2	8
3. Adjetivação ato/posição/política	5	10	2	17
4. Citação direta	1	3	3	7

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	6	3	8	17
2. Adjetivação pessoa	2	0	2	4
3. Adjetivação ato/posição/política	5	2	1	8
4. Citação direta	1	0	3	4

⁴⁸ <https://www.nytimes.com/2014/08/25/opinion/a-necessary-response-to-isis.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁴⁹ <https://www.nytimes.com/2014/10/03/opinion/the-fundamental-horror-of-isis.html>, acesso em 2 Set. 2018.

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	14	6	20
2. Adjetivação pessoa	0	4	0	4
3. Adjetivação ato/posição/política	0	8	1	9
4. Citação direta	0	3	0	3

Após o início dos bombardeios americanos, o posicionamento do jornal foi de que estes por si só não eram suficientes, clamando por ação coordenada localmente para tomada dos territórios recém liberados. De forma insistente, o periódico criticou o presidente Obama por não buscar autorização do Congresso para legitimar, da perspectiva do ordenamento jurídico interno dos EUA, estas ações militares.

Aos olhos do NYT, Obama também falhava por ter um discurso não corroborado por seus atos, como deixou claro em “A Problem Beyond Mr. Hagel”, de 24 de novembro de 2014:

*Mr. Obama has also been backtracking on Afghanistan. Despite repeated assurances that the American combat role would end by the end of this year, Mr. Obama is authorizing a broader role for 9,800 American troops who will remain in that country after December, including allowing them to be involved in direct combat against the Taliban. A more aggressive defense secretary who has Mr. Obama's full confidence and ear may be able to better deal with chaos and war on these fronts. But, ultimately, it is Mr. Obama who will have to set the course with a more coherent strategy.*⁵⁰

O presidente foi taxado de “ambíguo” repetidas vezes, em contraposição a quando era chamado de “cauteloso” em conotação elogiosa. Em “Confronting the ISIS Threat”⁵¹, de 8 de setembro de 2014, o NYT afirma que “Mr. Obama himself has been ambiguous, saying in one breath, ‘I’m confident that I have the authorization that I need to protect the American people’ and, in another, that Congress needs ‘to have buy-in’ on the issue”. Em “Preventing a Slaughter in Iraq”⁵², de 7 de agosto de 2014, o jornal avalia que o presidente “Made a wise policy call, and showed proper caution, by keeping his commitment not to reintroduce American ground troops in Iraq, but humanitarian assistance for the imperiled civilians was necessary”.

O Congresso, por sua vez, foi alvo de críticas por falhar na execução da sua função de declarar guerra, rever custos e supervisionar a estratégia lançada pelo presidente. Em “Legal Authority for Fighting ISIS”⁵³, de 11 de setembro de 2014, o NYT é veemente ao afirmar que

⁵⁰ <https://www.nytimes.com/2014/11/25/opinion/a-problem-beyond-mr-hagel.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁵¹ <https://www.nytimes.com/2014/09/09/opinion/confronting-the-isis-threat.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁵² <https://www.nytimes.com/2014/08/08/opinion/preventing-a-slaughter-in-iraq.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁵³ <https://www.nytimes.com/2014/09/12/opinion/legal-authority-for-fighting-isis.html>, acesso em 2 Set. 2018.

“The cowardice in Congress, never to be underestimated, is outrageous”. Em “Wrong Turn on Syria: No Convincing Plan”, de 23 de setembro de 2014, o periódico aponta o fracasso do Congresso em exercer suas responsabilidades constitucionais:

*Congress has utterly failed in its constitutional responsibilities. It has left Washington and gone into campaign fund-raising mode, shamelessly ducking a vote on this critical issue. That has deprived the country of a full and comprehensive debate over the mission in Syria and has shielded administration officials and military commanders from tough questions about every aspect of this operation – from its costs to its very obvious risks – that should be asked and answered publicly.*⁵⁴

Passados alguns meses sem que o Congresso tenha tomado a ação esperada pelo NYT, o conselho editorial do jornal voltou a criticar a inação dos parlamentares em “Congress Must Act on War Authority”, de 18 de novembro de 2014, afirmando que “The United States is fighting a new and costly war in Iraq and Syria. Yet, for months, members of Congress have ducked their constitutional responsibility for war making”⁵⁵.

NYT				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Congresso	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	10	4	14
3. Adjetivação ato/posição/política	0	7	0	7

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Congresso	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	0	3	3
3. Adjetivação ato/posição/política	0	0	0	0

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Congresso	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	10	1	11
3. Adjetivação ato/posição/política	0	7	0	7

⁵⁴ <https://www.nytimes.com/2014/09/24/opinion/on-syria-no-convincing-plan.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁵⁵ <https://www.nytimes.com/2014/11/19/opinion/military-action-in-syria-requires-a-new-aumf.html>, acesso em 2 Set. 2018.

Ao contrário do que se observou quando da escalada da violência e do assassinato dos jornalistas americanos, a partir das quais o periódico foi mais incisivo em demandar ação do presidente, outras mudanças bruscas de opinião do jornal não podem ser facilmente ancoradas em acontecimentos imediatos. Por exemplo, no editorial “Iraq in Peril”, publicado no dia 12 de junho de 2014, Obama é criticado duramente por atos passados e o NYT declara que, em sua opinião, uma ação militar é uma péssima ideia:

*Last month, Mr. Maliki also asked for airstrikes. The United States has a strategic interest in Iraq’s stability and Mr. Obama on Thursday said America was ready to do more, without going into detail. But military action seems like a bad idea right now. The United States simply cannot be sucked into another round of war in Iraq. In any case, airstrikes and new weapons would be pointless if the Iraqi Army is incapable of defending the country.*⁵⁶

Apenas 5 dias depois, em editorial de 17 de junho intitulado “A Balancing Act on Iraq”, o jornal elogia amplamente a conduta do presidente Obama:

*President Obama has, so far, struck the right note on Iraq, where Sunni extremist militants are seizing territory and threatening the existence of the state. He has been cautious — emphasizing the need for political reform in Iraq and reaching out to other countries that could have an impact on its fate.*⁵⁷

4.2. WP

O jornal WP publicou 50 artigos editoriais sobre a situação na Síria em 2014, sendo 33 antes do pronunciamento do presidente Obama de 10 de setembro e 17 depois deste. Já em janeiro o posicionamento do periódico foi o de defender bombardeios e armamento dos grupos rebeldes como meio de acabar com as atrocidades do regime Assad e evitar a expansão de grupos terroristas. Uma vez que o governo Obama evitou ações diretas até setembro, este foi amplamente criticado pelo jornal. Elogios ocasionais ao mandatário vinham quando este reconhecia os problemas na Síria e se posicionava a respeito; é o que se viu no editorial “Welcome signals of change from Mr. Obama on Syria”, de 12 de fevereiro de 2014, no qual o WP afirma que “The president has taken an important step in recognizing the gravity of developments in Syria. Now he needs to act on that analysis”⁵⁸.

⁵⁶ <https://www.nytimes.com/2014/06/13/opinion/prime-minister-maliki-panics-as-insurgents-gain.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁵⁷ <https://www.nytimes.com/2014/06/18/opinion/a-balancing-act-on-iraq.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁵⁸ https://www.washingtonpost.com/opinions/welcome-signals-of-change-from-mr-obama-on-syria/2014/02/12/0a33deaa-9406-11e3-b46a-5a3d0d2130da_story.html?utm_term=.5631cdc46ffd, acesso em 2 Set. 2018.

WP				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	2	37	11	50

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	2	24	7	33

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	0	13	4	17

As críticas do WP ao governo Obama são diferentes das trazidas pelo NYT. Enquanto este parecia querer evitar uma guerra a todo custo e questionava tanto o auxílio a rebeldes quanto o valor dos bombardeios sem uma estratégia de reconstrução da democracia no país, aquele apontava que, em sua opinião, a diplomacia não teria gerado resultados, sendo necessária ação por parte dos EUA.

O conselho editorial do WP chegou a clamar expressamente por bombardeios no texto “On Syria, Obama administration is leading to failure”⁵⁹, datado de 22 de janeiro, ao invés da “diplomacia ineficaz” que identificava no secretário de Estado John Kerry. Em “Syria must stop stalling on its delivery of chemical weapons”, de 1 de fevereiro de 2014, o periódico assevera que “Mr. Obama has been noticeably adverse to direct U.S. military action in Syria, but if Syria continues to treat the chemical weapons as a bargaining chip, the threat must be made real, and used if necessary”⁶⁰. Dias depois, em “The U.S. must reconsider its failed Syrian policy”, de 4 de fevereiro de 2014, o WP volta a criticar a inação do governo Obama, afirmando

⁵⁹ https://www.washingtonpost.com/opinions/on-syria-obama-administration-is-leading-to-failure/2014/01/22/90b040b2-8390-11e3-9dd4-e7278db80d86_story.html?utm_term=.c5cale57e0e1, acesso em 2 Set. 2018.

⁶⁰ https://www.washingtonpost.com/opinions/syria-must-stop-stalling-on-its-delivery-of-chemical-weapons/2014/02/01/b595725a-8a91-11e3-833c-33098f9e5267_story.html?utm_term=.fa4467f26300, acesso em 2 Set. 2018.

que “Once again, terrorists linked to al-Qaeda may be using territory they control to plot attacks against the United States, even as Mr. Kerry pursues his long-shot diplomacy and Mr. Obama offers excuses for inaction”⁶¹.

Imediatamente após o anúncio dos ataques aéreos norte-americanos contra alvos do EI na Síria, as críticas do WP ao presidente Obama foram direcionadas ao fato de que um plano robusto e a longo prazo era necessário. Em “President Obama’s strategy can’t only be to shoot terrorists from the air”, de 11 de setembro de 2014, o jornal afirma que:

*A full-fledged strategy would not require U.S. combat troops, but it would take more than the 475 additional advisers Mr. Obama committed Wednesday. And it would take an understanding that a sustained, long-term commitment would be more fruitful over time than cycles of intervention and withdrawal.*⁶²

Inicialmente, quando criticando o governo dos EUA, o WP direcionou suas colocações para a administração Obama e não para a figura do presidente pessoalmente. Em “Syria peace conference faces long odds”, de 17 de janeiro de 2014, o conselho editorial afirmou, em referência à fala do Secretário de Estado John Kerry de que haveria outras opções que não apenas a diplomacia, que “We can only hope that this is not another Obama administration bluff”⁶³.

Menos de um mês depois, em “The president has options on Syria. He should use them”, de 15 de fevereiro de 2014, o jornal criticou a falta de atitude do governo norte-americano: “U.S. inaction over the past three years has left the administration with more difficult options. But options still exist. It is not too late to stand against the regime’s atrocities and the growing terrorist threat”⁶⁴.

Outro exemplo se encontra no editorial “Open the door to the Kurds”, de 15 de fevereiro de 2014, que é crítico à administração Obama e ao Congresso por não terem viabilizado a visita do presidente do Governo Regional do Curdistão para uma rodada de conversas em Washington: “Mr. Barzani stayed home because the Obama administration and Congress have

⁶¹https://www.washingtonpost.com/opinions/the-us-must-reconsider-its-failed-syrian-policy/2014/02/03/cbe673ca-8cfc-11e3-95dd-36ff657a4dae_story.html?utm_term=.76d7165e895d, acesso em 2 Set. 2018.

⁶²https://www.washingtonpost.com/opinions/president-obamas-strategy-cant-only-be-to-shoot-terrorists-from-the-air/2014/09/11/063d6750-39cc-11e4-9c9f-ebb47272e40e_story.html?utm_term=.35b577c12dae, acesso em 2 Set. 2018.

⁶³https://www.washingtonpost.com/opinions/syria-peace-conference-faces-long-odds/2014/01/17/8aebda5e-7fa0-11e3-93c1-0e888170b723_story.html?utm_term=.1b4f188b72c9, acesso em 2 Set. 2018.

⁶⁴https://www.washingtonpost.com/opinions/the-president-has-options-on-syria-he-should-use-them/2014/02/05/83a3fce4-8e8d-11e3-b46a-5a3d0d2130da_story.html?utm_term=.7959b16f0a0f, acesso em 2 Set. 2018.

failed to fix an enduring irritant in the U.S.-Kurdish relationship: the presence of the region's two leading political parties on a U.S. list of sanctioned organizations”⁶⁵.

Isto não quer dizer que Obama tenha escapado de críticas diretas. Editoriais foram dedicados quase que inteiramente a tal finalidade, como foi o caso de “President Obama's foreign policy is based on fantasy”⁶⁶, de 2 de março de 2014, em que a visão da geopolítica contemporânea do presidente é criticada, assim como sua inação, por exemplo, quando a “linha vermelha” por ele mesmo traçada foi cruzada pelo regime Assad com o uso de armas químicas contra civis na Síria. Outros textos se seguiram, elevando mais e mais as críticas contra Obama por sua posição de não-envolvimento e retirada de tropas, do que é exemplo o editorial “President Obama continues his retreat from Afghanistan”, de 27 de maio de 2014, em que o periódico avalia que: “‘Ending wars’. ‘Nation-building at home’. The ‘pivot to Asia’. These are popular and attractive slogans, and they make a lot of sense in the abstract. But they don't necessarily bring peace to a dangerous world, and a president can't always safely choose which dangers he would rather confront”⁶⁷.

Por vezes, o WP reconheceu acertos parciais na estratégia de Obama, sem deixar, porém, de registrar críticas quanto a aspectos outros em que aquela era vista como falha pelo periódico. Em “The U.S. strategy to defeat the Islamic State is underpowered”, de 15 de setembro de 2014, o jornal afirma que:

*Mr. Obama is right to seek the empowerment of the Iraqi and Syrian forces and to fashion a broad agenda for a regional alliance. But in the end the Islamic State will have to be defeated on the battlefield. In that respect, the alliance the administration is constructing looks underpowered.*⁶⁸

Ao longo de 2014, Obama foi, por larga diferença, quem recebeu o maior número de menções nos editoriais do WP: 42 no total.

⁶⁵ https://www.washingtonpost.com/opinions/open-the-door-to-the-kurds/2014/02/15/2a4b5648-95a3-11e3-afce-3e7c922ef31e_story.html?utm_term=.fdc2c8f5e6e7, acesso em 2 Set. 2018.

⁶⁶ https://www.washingtonpost.com/opinions/president-obamas-foreign-policy-is-based-on-fantasy/2014/03/02/c7854436-a238-11e3-a5fa-55f0c77bf39c_story.html, acesso em 2 Set. 2018.

⁶⁷ https://www.washingtonpost.com/opinions/president-obama-continues-his-retreat-from-afghanistan/2014/05/27/ae01686e-e5c2-11e3-8f90-73e071f3d637_story.html?utm_term=.320c69172970, acesso em 2 Set. 2018.

⁶⁸ https://www.washingtonpost.com/opinions/the-us-strategy-to-defeat-the-islamic-state-looks-underpowered/2014/09/15/01dd83a6-3cf7-11e4-b03f-de718edeb92f_story.html?utm_term=.dc08d17c8c54, acesso em 2 Set. 2018.

WP				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	3	28	11	42
2. Adjetivação pessoa	3	10	0	13
3. Adjetivação ato/posição/política	8	23	2	33
4. Citação direta	0	2	4	6

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	2	17	8	27
2. Adjetivação pessoa	3	7	0	10
3. Adjetivação ato/posição/política	4	13	2	19
4. Citação direta	0	0	3	3

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	1	11	3	15
2. Adjetivação pessoa	0	3	0	3
3. Adjetivação ato/posição/política	4	10	0	14
4. Citação dieta	0	2	1	3

O Secretário de Estado John Kerry também foi reiteradamente citado pelo WP. Foram 16 menções no total, e muitas acompanhadas de citações incluindo falas entre aspas do secretário. Como se observa, dado o tom crítico à frente de atuação diplomática do governo Obama, a maior parte das menções a Kerry estão concentradas antes de 10 de setembro, sendo a ampla maioria delas em tom condenatório.

WP				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Kerry	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	1	4	11	16
2. Adjetivação pessoa	0	0	0	0
3. Adjetivação ato/posição/política	0	3	0	3
4. Citação direta	0	2	4	6

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Kerry	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	1	4	9	14
2. Adjetivação pessoa	0	0	0	0
3. Adjetivação ato/posição/política	0	3	0	3
4. Citação direta	0	2	2	4

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Kerry	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	0	2	2
2. Adjetivação pessoa	0	0	0	0
3. Adjetivação ato/posição/política	0	0	0	0
4. Citação direta	0	0	2	2

A importância do tema para o WP se evidencia pela quantidade de artigos editoriais assinados pelo conselho editorial: 50, o maior número entre as publicações analisadas. O jornal chegou a se manifestar em dois editoriais separados no mesmo dia. Foi o que ocorreu em 4 de fevereiro de 2014, quando se publicaram: “The U.S. must reconsider its failed Syrian policy”⁶⁹, na página A12, e “The president has options on Syria. He should use them”⁷⁰, na página A14.

⁶⁹ https://www.washingtonpost.com/opinions/the-us-must-reconsider-its-failed-syrian-policy/2014/02/03/cbe673ca-8cfc-11e3-95dd-36ff657a4dae_story.html?utm_term=.76d7165e895d, acesso em 2 Set. 2018.

⁷⁰ https://www.washingtonpost.com/opinions/the-president-has-options-on-syria-he-should-use-them/2014/02/05/83a3fce4-8e8d-11e3-b46a-5a3d0d2130da_story.html?utm_term=.7959b16f0a0f, acesso em 2 Set. 2018.

Diferentemente do observado nos textos do NYT, os editoriais do WP não apenas traziam as linhas mais amplas de opinião do jornal sobre o conflito, mas também continham abundantes detalhes e variedade de assuntos em suas análises, chegando a citar autores e matérias de outras publicações, como, por exemplo, o jornalista David Remnick, da revista *The New Yorker*, que é citado em “On Syria, Obama administration is leading to failure”⁷¹, de 22 de janeiro de 2014. O grau de detalhe dos editoriais do WP também se verifica no que diz respeito aos crimes de guerra e a tortura praticados pelo regime de Assad na Síria. Em “The U.S. needs to get more aggressive on Syria”, de 10 de março de 2014, práticas ilegais de combate do exército sírio são trazidas em detalhes:

*(...) the Assad regime proceeded unmolested and almost unnoticed with a merciless offensive of “barrel-bombing,” in which helicopters drop explosive containers filled with nails and other deadly shrapnel on apartment buildings, schools and hospitals. The latest target is the town of Yabroud, near the Lebanese border. In other areas, the regime continued to wage a war of starvation, besieging civilians in violation of a U.N. Security Council resolution approved more than two weeks ago. According to a new report by Amnesty International, at least 194 civilians have died in Yarmouk, a Palestinian refugee camp, since a siege began in July. The leading causes of death are starvation, lack of medical care and shooting by snipers.*⁷²

De forma geral, o WP reitera constantemente sua posição de que os EUA deveriam se utilizar de seu poderio militar para garantir o cumprimento de acordos, para evitar ataques aos direitos humanos e para armar aliados em outros países. Em “A more inclusive Iraq presents the best hope for the country”, de 16 de junho de 2014, o WP afirma que “It will require a sustained interest in Iraqi affairs, as well as a clear and credible willingness to use force, without which U.S. diplomacy will lack impact”⁷³.

Se no início do ano o jornal se posicionava contra o envio de soldados americanos para o terreno (“boots on the ground”), expondo-os a risco de morte fora do território americano, em agosto, o WP defendia que tal medida era essencial para interromper a expansão do EI. É o que fica claro em “The Obama administration must put boots on the ground to stop the Islamic State”, de 25 de agosto de 2014:

Aiding them does not require a U.S. invasion, but it will need “boots on the ground,” as Mr. Obama already has acknowledged by sending close to 1,000

⁷¹ https://www.washingtonpost.com/opinions/on-syria-obama-administration-is-leading-to-failure/2014/01/22/90b040b2-8390-11e3-9dd4-e7278db80d86_story.html?utm_term=.c5ca1e57e0e1, acesso em 2 Set. 2018.

⁷² https://www.washingtonpost.com/opinions/the-us-needs-to-get-more-aggressive-on-syria/2014/03/10/8b0b41de-a87a-11e3-8599-ce7295b6851c_story.html?utm_term=.d25eb008aae4, acesso em 2 Set. 2018.

⁷³ https://www.washingtonpost.com/opinions/a-more-inclusive-iraq-presents-the-best-hope-for-the-country/2014/06/16/5e65eb94-f590-11e3-a3a5-42be35962a52_story.html?utm_term=.fb2e86ef6ee8, acesso em 2 Set. 2018.

*special forces back to Iraq. They will be needed for training, to assist in air targeting and perhaps more. As The Post's Greg Miller reported Sunday, the United States suffers from "persistent intelligence gaps" in Syria; these can be filled only with a human presence in the region, not by drones or satellite technology alone.*⁷⁴

4.3. WSJ

O jornal WSJ foi a segunda publicação entre as analisadas que mais se manifestou em editoriais sobre a política externa do governo Obama em relação à Síria. Em 2014, foram 39 editoriais, sendo 25 deles até o dia 10 de setembro de 2014 e 14 editoriais publicados após esta data. Assim como se observou na cobertura do WP, o WSJ também chegou a publicar dois editoriais cobrindo o assunto no mesmo dia. Foi o que ocorreu em 10 de setembro com a publicação dos textos: "The President's War Plan"⁷⁵ e "War by Any Other Name"⁷⁶.

WSJ				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	0	29	10	39

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	0	19	6	25

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Editoriais	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Capa	0	0	0	0
2. Miolo	0	10	4	14

⁷⁴ https://www.washingtonpost.com/opinions/the-obama-administration-must-put-boots-on-the-ground-to-stop-the-islamic-state/2014/08/25/a9aae742-2c6f-11e4-9b98-848790384093_story.html?utm_term=.feb3d49e03d3, acesso em 2 Set. 2018.

⁷⁵ <https://www.wsj.com/articles/the-presidents-war-plan-1410405604>, acesso em 2 Set. 2018.

⁷⁶ <https://www.wsj.com/articles/war-by-any-other-name-1410125603>, acesso em 2 Set. 2018.

Comparado aos outros dois jornais analisados (NYT e WP), o WSJ tem uma abordagem particular não só dos assuntos que trata em seus editoriais, em geral privilegiando um ângulo financeiro na seleção e abordagem dos temas, como é o único que escolhe fazer uso de expressões específicas identificando visões políticas dentro até dos partidos, em geral para criticá-las. É o caso, por exemplo, da referência à “Democratic left”⁷⁷, em “Progressives and Disorder”, de 30 de dezembro de 2014, e dos “anti-interventionists”⁷⁸, criticados em “Europe's Syria-Trained Jihadist”, de 2 de junho de 2014. O termo “liberais”⁷⁹ é também frequentemente utilizado, como ilustra o texto “The President's War Plan”, de 10 de setembro de 2014.

Outra característica dos editoriais do WSJ que coloca o jornal à parte dos demais periódicos analisados é que nenhum dos 39 editoriais publicados em 2014 tem um tom favorável à política externa e de segurança de Obama em relação ao EI. Além disso, o periódico se diferencia dos demais analisados pelo uso de sarcasmo ao criticar o presidente Obama. É o que se observa em “Kobani's Unavoidable Reality”, de 21 de outubro de 2014:

*The small-arms drop is welcome; it lifted the spirits of the city's defenders. But Kobani likely will join most of Iraq's Anbar province in falling to the Islamic State if the U.S. doesn't soon provide fighters on the ground with antitank weapons and the like. That commitment will require the U.S. to participate in some accommodations with the region's near-term alliances. It isn't easy. Someone should make that reality clear to people before they seek the U.S. Presidency.*⁸⁰

Sarcasmo também foi escolhido para expressar críticas em outras ocasiões, como em “The Pentagon Goes to Climate War”, de 14 de outubro de 2014, no qual o WSJ satiriza os planos do governo Obama de usar o exército na luta contra o aquecimento global num momento em que o EI estava a 15 milhas de distância de conquistar o aeroporto de Bagdá:

*How quaint. As General Odierno was fielding questions about whether ISIS – currently 15 miles from Baghdad airport – could take the Iraqi capital, the Pentagon released its 2014 “Climate Change Adaptation Forecast,” a roadmap for how the Pentagon intends to deal with what Secretary of State John Kerry recently called “the biggest challenge of all that we face right now”.*⁸¹

O WSJ criticou duramente os planos de redução de contingente e de equipamentos militares por parte do Secretário de Defesa Chick Hagel, como consta do editorial “Obama's Shrinking Army”, de 28 de fevereiro de 2014:

⁷⁷ <https://www.wsj.com/articles/progressives-and-disorder-1419985886>, acesso em 2 Set. 2018.

⁷⁸ <https://www.wsj.com/articles/europes-syria-trained-jihadist-1401662465>, acesso em 2 Set. 2018.

⁷⁹ <https://www.wsj.com/articles/the-presidents-war-plan-1410405604>, acesso em 2 Set. 2018.

⁸⁰ <https://www.wsj.com/articles/kobanis-unavoidable-reality-1413846274>, acesso em 2 Set. 2018.

⁸¹ <https://www.wsj.com/articles/the-pentagon-goes-to-climate-war-1413329782>, acesso em 2 Set. 2018.

*The steep reduction in manpower and equipment is an invitation to unexpected aggression. In his speech, Mr. Hagel insisted that the force levels he envisions would be sufficient to protect the homeland, win a war in one theater, and conduct a successful holding action in a second. But how would a U.S. that found itself in another Gulf War respond if China took advantage of the opportunity to seize Taiwan, or if Russia took Ukraine? The purpose of fielding a large Army is to minimize the temptations for aggression.*⁸²

E se posicionou a favor de que os EUA lutassem na Síria, como ficou claro em “The President's War Plan”⁸³, de 10 de setembro de 2014, no qual afirmou, em relação a Obama, que “He deserves public support as long as he is willing to fight this war—let's call it what it is—with more resolve and persistence than he has heretofore shown in his Presidency”. E trouxe recomendações sobre como deveria ser a resposta militar norte-americana, recorrendo a exemplos da era Bush, como em “The Syria Campaign”, de 17 de setembro de 2014:

*As the Journal reported Tuesday in an online video of life in Raqqa, the Islamic State rules in totalitarian fashion, complete with public crucifixions. The brutality has created conditions similar to those that preceded the Sunni Awakening in Iraq in 2007—the revolt by ordinary Sunnis and their tribal leaders in Anbar province against al Qaeda. The awakening would not have succeeded without the aid of U.S. forces, which were available in adequate numbers thanks to President Bush's surge.*⁸⁴

O jornal foi além, prescrevendo, nos editoriais “Honesty and Ground Troops” e “American Bombs in Syria”, respectivamente de 19 e 24 de setembro de 2014, o envio de americanos em áreas de combate direto:

*This is bad military strategy and worse politics. As strategy, it is never smart to tell your enemy in advance what you won't do. All the more so when some U.S. troops or CIA spies on the ground may be needed for success. This needn't be an invasion a la 2003. But it certainly could require several thousand Americans in various roles supporting Kurdish, Iraqi or Syrian troops on the ground.*⁸⁵

*This is one reason that degrading and destroying ISIS, the President's stated goal, will require ground forces. Americans on the ground will be needed to work with allies to collect intelligence, direct air strikes, and conduct special forces raids to take out the leadership. The longer Mr. Obama refuses to sanction such operations, the more difficult it will be and the longer it will take to fulfill the mission.*⁸⁶

Raramente o WSJ entrou em detalhes sobre a natureza dos ataques à população síria, embora tenha se referido à situação como “calamidade humanitária”. De toda forma, a posição

⁸² <https://www.wsj.com/articles/obamas-shrinking-army-1393628121>, acesso em 2 Set. 2018.

⁸³ <https://www.wsj.com/articles/the-presidents-war-plan-1410405604>, acesso em 2 Set. 2018.

⁸⁴ <https://www.wsj.com/articles/the-syria-campaign-1410910122>, acesso em 2 Set. 2018.

⁸⁵ <https://www.wsj.com/articles/honesty-and-ground-troops-1410996742>, acesso em 2 Set. 2018.

⁸⁶ <https://www.wsj.com/articles/american-bombs-in-syria-1411515923>, acesso em 2 Set. 2018.

intervencionista do periódico não se restringia à Síria. Como evidenciado em “Freedom's Indispensable Nation”, de 8 de julho de 2014, para o WSJ a liberdade no mundo depende do poder americano:

*Jihadists seize northern Iraq and eastern Syria, declaring a new caliphate. Ukrainians desperately bid to preserve their independence against Russian subversion. As many as half a million people march in Hong Kong against Beijing's bid to quash the promise of democracy. All this – and we're only mentioning events of recent weeks – takes place during an American Presidency whose main idea of a foreign policy is to eschew overseas entanglements in favor of 'nation-building at home'. So it is that when America retreats from the world, freedom retreats too.*⁸⁷

É notório que, aos olhos do WSJ, Obama nunca era digno de elogio, estando a grande maioria das menções ao presidente marcadas por críticas. Quando este decide agir “após meses de inação”, o jornal aproveita para indicar que o simples fato de que Obama mudou de posicionamento e decidiu intervir é atestado de que tem uma política exterior falha e de que estavam erradas as críticas democratas à abordagem adotada na era Bush. É o que se observa em “Dick Cheney Is Still Right”, de 11 de setembro de 2014:

*President Obama will lay out his plan to counter the Islamic State on Wednesday night, and we'll judge the strategy on its merits. But the mere fact that Mr. Obama feels obliged to send Americans to fight again in Iraq acknowledges the failure of his foreign policy. He is tacitly admitting that the liberal critique of the Bush Administration's approach to Islamic terrorism was wrong.*⁸⁸

WSJ				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	29	3	32
2. Adjetivação pessoa	0	7	1	8
3. Adjetivação ato/posição/política	0	28	0	28
4. Citação direta	0	8	0	8

⁸⁷ <https://www.wsj.com/articles/freedoms-indispensable-nation-1404770633>, acesso em 2 Set. 2018.

⁸⁸ <https://www.wsj.com/articles/dick-cheney-is-still-right-1410305068>, acesso em 2 Set. 2018.

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	18	2	20
2. Adjetivação pessoa	0	3	1	4
3. Adjetivação ato/posição/política	0	17	0	17
4. Citação direta	0	7	0	7

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	11	1	12
2. Adjetivação pessoa	0	4	0	4
3. Adjetivação ato/posição/política	0	11	0	11
4. Citação direta	0	1	0	1

Também é de se ressaltar que outras autoridades e órgãos do executivo são muito pouco citados em contraste à abundância de menções ao presidente Obama.

4.4. CNN

A análise do noticiário político da CNN no “primetime” da televisão americana (das 20h00 às 23h00), em 2014, identificou 76 matérias tratando sobre a política externa e de segurança do presidente Obama em relação ao EI: 47 delas foram ao ar até 10 de setembro e 29 depois desta data.

CNN				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Matérias	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Abertura	0	0	32	32
2. Meio/fim	0	1	43	44
3. Curta	0	0	24	24
4. Longa	0	1	51	52

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Matérias	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Abertura	0	0	22	22
2. Meio/fim	0	1	24	25
3. Curta	0	0	12	12
4. Longa	0	1	34	35

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Matérias	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Abertura	0	0	10	10
2. Meio/fim	0	0	19	19
3. Curta	0	0	12	12
4. Longa	0	0	17	17

Quando comparado com o que foi veiculado na Fox News, é importante considerar que, no início de 2014, a CNN anunciou uma mudança em sua estratégia de veiculação para o horário nobre, passar a incluir séries, documentários e filmes neste período⁸⁹. O espaço para as últimas notícias (*breaking news*) ficou então limitado ao programa *ANDERSON COOPER 360 DEGREES*, e os temas analisados tiveram que concorrer por atenção com outros tópicos quentes. A história do desaparecimento do voo 370 da *Malaysian Airlines*, por exemplo, dominou o espaço destinado a notícias por dias no mês de março.⁹⁰

À medida que o EI se fortaleceu e a situação na Síria e no Iraque passou a receber intensa cobertura da imprensa em geral, mais espaço foi dado para o tema, que passou a ser apresentado logo no início do programa. Foi o que ocorreu em várias ocasiões no mês de junho, inclusive com programas ao vivo de Bagdá entre os dias 16 e 20 de junho.

No dia 7 de agosto, a programação posterior ao noticiário foi interrompida por Anderson Cooper para informar sobre o envio bem-sucedido de ajuda humanitária por via aérea ao Iraque, ressaltando-se que Obama e sua equipe avaliavam a possibilidade de bombardeios ao EI:

Good evening, I'm Anderson Cooper here in New York. We are interrupting the regularly scheduled broadcast of THE SIXTIES. A live picture of the Whitehouse State Dining Room there. We are breaking into the sixties to bring you President Obama's speaking shortly tonight about the mission just

⁸⁹ <http://cnnpressroom.blogs.cnn.com/2014/04/10/cnn-announces-new-primetime-schedule/>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹⁰ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/acd.html>, acesso em 2 Set. 2018.

*completed to fly humanitarian relief into Northern Iraq. As we've been reporting President Obama and his National Security team are also considering air strikes against the ISIS Islamist Militia that have taken over large chunks of Iraq and are threatening so many people especially religious minorities.*⁹¹

No dia 8 de agosto, houve uma extensão do noticiário para tratar dos bombardeios feitos contra alvos do EI no Iraque:

*Good evening. Thanks for watching this special extended edition of 360. A lot happening starting with the second wave of air strikes on ISIS Jihadist fighters, FA teams from the carrier George H.W. Bush in the Persian Gulf hitting ISIS targets striking, what officials say the ISIS artillery and convoys that were advancing on the city of Erbil, it destroyed an ISIS convoy of seven vehicles. According to the U.S. Military, drones striking and mortar positions once and targeting again when the crew tried to return to it.*⁹²

A repercussão do assassinato do jornalista James Foley, ocorrido em 19 de agosto, ganhou menos espaço por conta da cobertura ampla sobre os protestos contra a morte de Michael Brown pela polícia em Ferguson, Missouri. Mesmo assim os ângulos escolhidos para cobrir a execução de Foley foram um furo de reportagem indicando uma tentativa anterior de resgatá-lo⁹³ e discussões sobre a validade ou não de se pagar o resgate⁹⁴. Nos dias subsequentes, como é costumeiro com o ciclo de uma notícia, a família de Foley foi entrevistada para dar uma visão pessoal do jornalista. A CNN também tornou o EI mais perigoso aos olhos do americano médio ao tratar de casos específicos de cidadãos cooptados pelo grupo terrorista. O tema foi discutido na programação normal do dia 26 de agosto, seguido por programação especial e abertura do programa do dia 27 do mesmo mês.

Já o discurso de Obama, na noite de 10 de setembro de 2014, dividiu atenção com notícias também quentes, como novos detalhes relacionados ao assassinato de Michael Brown e à liga nacional de futebol americano (conhecida como NFL). O EI recebeu atenção flutuante, de acordo com as notícias do dia, chegando a ocupar a totalidade do noticiário (ou até mais uma hora de programação adicional reservada para momentos especiais).

⁹¹ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1408/07/acd.02.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹² <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1408/08/acd.02.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹³ "His parents spoke out, the president spoke out today, how he's being remembered tonight. There is also breaking news tonight about an attempt to rescue him just this summer, to rescue him and other Americans being held hostage. That's next." Na edição do dia 20 de agosto de 2014 do programa ANDERSON COOPER 360 DEGREES. Disponível em: <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1408/20/acd.01.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹⁴ "DAVID ROHDE, INVESTIGATIVE REPORTER, REUTERS: Well, what's happening in Jim Foley's death represents it is that European countries are paying ransom. There were more French journalist and Spanish journalist who are held captive with Jim Foley and Steven Sotloff, the American journalist that's still alive. And those European journalists were ransomed and they're home and they are safe. You know, obviously Jim Foley is, you know, suffered a horrible death. And I just feel -- I'm trying the sort of start a debate here." Na edição do dia 21 de agosto de 2014 do programa ANDERSON COOPER 360 DEGREES. Disponível em: <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1408/21/acd.02.html>, acesso em 2 Set. 2018.

Outra importante questão a se considerar é que, ao contrário dos espaços de opinião nos jornais impressos analisados, o foco da programação da CNN é em últimas notícias (*breaking news*). Obviamente que a “opinião” está presente na fala dos convidados, comentaristas, correspondentes e principalmente nas escolhas de produção do programa, mas não são apresentadas explicitamente como tais.

CNN				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	1	49	50
2. Adjetivação pessoa	0	1	1	2
3. Adjetivação ato/posição/política	0	0	0	0
4. Citação direta	0	1	26	27

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	1	33	34
2. Adjetivação pessoa	0	1	1	2
3. Adjetivação ato/posição/política	0	0	0	0
4. Citação direta	0	1	18	19

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	0	16	16
2. Adjetivação pessoa	0	0	0	0
3. Adjetivação ato/posição/política	0	0	0	0
4. Citação direta	0	0	8	8

As primeiras menções à política externa do presidente Obama em relação à região acontecem em maio (nos dias 27 e 28), com reportagens pequenas e sem críticas, apenas relatando os planos do presidente de retirar as tropas americanas do Afeganistão em sua totalidade. Já no dia 11 de junho, o correspondente da CNN no Iraque, Jim Sciutto, claramente afirma que a retirada do exército americano da região tornou a situação caótica naquele país.

Obama não é citado; apenas o pedido do povo iraquiano por apoio norte-americano com bombardeios:

*This is Iraq 11 years after the U.S. invasion, 3 years after the U.S. withdrawal and now in a state of crisis. After capturing Mosul, Iraq's second largest city, Islamic militants are boldly pushing on. Taking over Saddam Hussein's hometown of Tikrit, the oil refining town of Biji and nearing the capital of Baghdad. Iraqi security forces following years of training and billions of dollars in weaponry from the U.S. have melted away leaving check points unmanned and stripping themselves of their uniforms. The American-supplied Humvees claimed militant websites now in the hands of al Qaeda-tied terrorists. Today Iraq's foreign minister said his country's very survival is at stake.*⁹⁵

Em outras matérias, é possível identificar que isto é mais uma constatação de um fato relativo aos EUA do que uma crítica particular à posição geral do Obama pela retirada de tropas e fim de guerras. Como exemplo, vale ver o diálogo entre o apresentador Anderson Cooper e o jornalista do *The New Yorker*, Dexter Filkins, em edição do dia 16 de junho:

COOPER: There have been some who have suggested that the government that was created here largely at the instigation of the United States really required the United States as sort of a central part of its DNA, do you agree with that?

*FILKINS: I do, actually. That's the evidence. You know, Ryan Crocker, ambassador for several years. American ambassador said to me, that the irony is, that we built ourselves into the hard drive, and I think that's right. You've basically got these three groups, the Shiites, the Sunnis and the Kurds, they've never really learned how to live with each other. They don't trust each other. The United States, we came in in 2003, we destroyed the Iraqi state, spent eight and a half years trying to build another one. But we built a system that doesn't work very well, it worked OK, as long as we were there.*⁹⁶

O proceder cauteloso da administração em garantir compromisso político antes de partir para ação militar é inclusive apoiado em alguns momentos, como na edição que foi ao ar em 18 de junho de 2014:

JIM SCIUTTO, CNN CHIEF NATIONAL SECURITY CORRESPONDENT: Well, we know this, we know he spoke, he spoke with Nouri al-Maliki but he also spoke with the president of the Kurdish region Massoud Barzani as well as the speaker of the Iraqi parliament. And when you look at the read out of this call, you see a consistent message coming from the administration, that is him saying that they talk about potential military assistance for Iraqi security forces but always coupled with a political component. He says, he was very direct with Maliki saying that this will have to be paired with Maliki reaching out to the other minorities, the Sunnis and Kurds there, so they are acting on behalf of Iraqis as a whole not just the Shiite majority of which Maliki is a member as well. And it's interesting, because we also heard today from General David Petraeus, of course it was commander in Iraq, the architect of the surge 2007, '08, '09 that rescued Iraq from its last march until

⁹⁵ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1406/11/acd.01.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹⁶ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1406/16/acd.01.html>, acesso em 2 Set. 2018.

*civil war. And he had a similar message in his comments in London saying, warning against military involvement in Iraq, unless it has a political component, unless it is in conjunction with an Iraqi government that is acting on behalf of all of its people and not just one minority there.*⁹⁷

Geralmente a CNN evita criticar. No máximo, noticia a crítica de terceiros, como no dia 28 de agosto, “So the president wanted to obviously to temp down reports that airstrikes in Syria were eminent. Its critics quickly jumped in what he said about not having a strategy yet and the White House just try to kind of basically do damage control”⁹⁸, e no dia 2 de setembro:

*Tonight what President Obama is doing about it and doing about ISIS. There was a new airstrike. The 124th so far. Also the people in both parties saying that despite that airstrike and advisers in Iraq, despite coalition building in the region and counterterrorism at home, the president is not doing enough.*⁹⁹

A única menção direta que pode ser considerada predominantemente negativa ocorreu no dia 9 de setembro, quando Obama volta atrás em relação a um comentário feito anteriormente (numa metáfora esportiva, Obama comparara o EI a um time júnior quando a Al-Qaeda seria o time profissional) e isso vira tema de um bloco: “President Obama backpedaling on his analogy comparing ISIS to a “JV team”. Now, saying he wasn't specifically referring to the group of terrorist, ISIS, the group he'll address the nation about tomorrow night”¹⁰⁰.

Quando dado o devido tempo, como no dia 13 de junho, em que o EI foi discutido à exaustão e a partir da abertura do jornal, as matérias são muito informativas, trazem contexto e experiência da cobertura local e dão espaço para formação de opinião pelo telespectador:

*PHILIP MUDD, FORMER SENIOR OFFICIAL, CIA/FBI: Sure. I don't think we have very good options here. And it's because we're looking at this the wrong way. Look, with drones, you are going against a point target. A car, a person, a house, you need a good intelligence picture to do that. And I can't believe we would have one at this point. If you're going to use aircraft, you're going to kill civilians. And I'm not sure that is the position we want to be in. The reason we're looking at this the wrong way is because we're looking at this as an opportunity for the U.S. to intervene against Islamic extremists. From an Iraqi perspective, what this would be was U.S. intervention in favor of a Shia prime minister in Sunnis. We don't have a good option.*¹⁰¹

Não se pode negar que a atenção e discussão mais aprofundada sobre o grupo terrorista também ajuda a trazer a questão para o topo de lista de prioridades do telespectador. A sensação de urgência é criada, seja intencionalmente ou por falta de outros assuntos a se dedicar no momento.

⁹⁷ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1406/18/acd.01.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹⁸ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1408/28/acd.02.html>, acesso em 2 Set. 2018.

⁹⁹ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1409/02/acd.01.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁰⁰ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1409/09/acd.02.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁰¹ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1406/13/acd.01.html>, acesso em 2 Set. 2018.

Ao contrário do que se viu nas publicações impressas de opinião editorial, os adjetivos são usados com parcimônia pela CNN e aparecem mais para identificar a barbárie e periculosidade dos terroristas do que para subjetivar ações do governo. O Obama da CNN parece consultar mais sua equipe¹⁰² do que o Obama dos jornais impressos, que toma decisões sozinho independentemente do que sua equipe recomenda. Sua política de retirar tropas americanas diretamente envolvidas em lutas também é retratada mais como uma promessa de campanha sendo cumprida do que uma falha do presidente:

*COOPER: "Jim Acosta, the White House, you know, for President who run on ending the war in Iraq, bringing U.S. troops out of Iraq, this is obviously a difficult call. Many of the President's supporters are going to be very nervous about the idea of mission (inaudible), the president really speaking to those concerns tonight and I just want to point out what he said about why he said this particular instance requires and he believes is appropriate for U.S. action. He say, "if that -- he said there's no American military solution in Iraq but when we find this situation like we do on that mountain, the humanitarian mission, when there's a mandate to help, in this case request from the Iraqi government and the unique ability of United States to help the U.S. will take action."*¹⁰³

4.5. FOX NEWS

A análise do noticiário político da Fox News no *primetime* da televisão americana (das 20h00 às 23h00), em 2014, identificou 113 matérias: 65 até 10 de setembro e 48 depois desta data. A grade de programação da época incluía¹⁰⁴: *On the Record* com Greta Van Susteren (7PM/ET), com entrevistas e comentários relacionados a notícias atuais; *The O'Reilly Factor* (8PM/ET) com o apresentador Bill O'Reilly; *The Kelly File* (9-10PM/ET) com Megyn Kelly e foco em últimas notícias; e *Hannity* (10PM/ET) capitaneado por *Sean Hannity*. Em 2014, a emissora foi a mais bem classificada entre os canais de notícias na TV a cabo dos EUA.¹⁰⁵

¹⁰² "As we've been reporting President Obama and his National Security team are also considering air strikes against the ISIS Islamist Militia that have taken over large chunks of Iraq and are threatening so many people especially religious minorities." Na edição do dia 7 de agosto de 2014 do programa ANDERSON COOPER 360 DEGREES. Disponível em: <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1408/07/acd.02.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁰³ <http://transcripts.cnn.com/TRANSCRIPTS/1408/07/acd.02.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁰⁴ <http://press.foxnews.com/2013/09/fox-news-channels-new-primetime-lineup-to-debut-on-october-7th/>

¹⁰⁵ <http://variety.com/2014/tv/news/fox-news-dominates-cable-news-ratings-in-2014-msnbc-tumbles-1201386523/>

FOX NEWS				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Matérias	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Abertura	0	12	3	15
2. Meio/fim	1	72	25	98
3. Curta	1	76	26	103
4. Longa	0	9	1	10

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Matérias	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Abertura	0	8	0	8
2. Meio/fim	0	43	14	57
3. Curta	0	45	14	59
4. Longa	0	6	0	6

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Matérias	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Abertura	0	4	3	7
2. Meio/fim	1	29	11	41
3. Curta	1	31	12	44
4. Longa	0	3	1	4

É de se notar que, apesar de incluir maior número de matérias do que a outra rede de TV analisada (CNN), a Fox News produziu menos conteúdo, uma vez que a grande maioria das matérias desta eram curtas, enquanto as reportagens daquela eram na maioria longas. Isso comprova no volume de páginas de transcrição: foram 294 páginas de transcrição para as 113 matérias distribuídas por quatro programas diferentes da Fox News, enquanto a CNN teve suas 36 matérias em um só programa totalizando 441 páginas de material transcrito.

A abordagem também foi bem distinta. O foco da CNN é informativo e com ênfase nas últimas notícias. Seus comentaristas tendem a ser de especialistas em suas áreas e conectados ao assunto. Na Fox News, o material de opinião é muito mais frequente e muitas vezes baseado quase que inteiramente em falas de políticos, tais como os senadores republicanos

frequentemente convidados para comentar: John McCain, Ted Cruz e Lindsey Graham. Nestas participações, opiniões tendem a ser apresentadas como fatos, como, por exemplo, no programa que foi ao ar no dia 20 de novembro, em que o senador republicano John McCain comparou a estratégia de combate ao EI à guerra do Vietnã e afirmou com toda a certeza que o EI estava ganhando a guerra:

GRETA VAN SUSTEREN, FOX NEWS HOST: The threat from ISIS growing. And now, Senator John McCain says the gradual escalation in the threat against ISIS reminds him of the failed strategy that caused the U.S. to lose the Vietnam War.

(...)

*MCCAIN: (...) ISIS is winning. I have been told that 18,000 Europeans and outsiders and foreign allies are fighting on the side of ISIS, and while we are talking about possibly a year or more before we could even retake Mosul. This is unfolding testimony to this president's indecision and fecklessness, and we are going to pay a very heavy price for it.*¹⁰⁶

Mesmo quando seus programas são apresentados como produções jornalísticas (que deveriam se guiar por fatos, mesmo que numa apresentação indicativa do ponto de vista da produção), Fox News apaixonadamente defende opiniões ainda que não corroboradas por fatos. É ilustrativa, nesse sentido, a conversa entre a apresentadora Megyn Kelly e a porta-voz do Departamento do Estado, Jen Psaki, em entrevista do dia 3 de outubro:

PSAKI: Megyn, the facts just don't align with that. The fact is none of those individuals you named would have left our troops there without the protections they needed.

KELLY: If he offered more troops they would have gotten the protection. That's their allegation.

PSAKI: We could not force Iraq, a sovereign government, to accept a presence there.

KELLY: If we had offered a greater presence, we would have gotten the immunity.

PSAKI: That is an accounting of what happened three years ago that's just not consistent with what happened three years ago.

*KELLY: How so?*¹⁰⁷

O tom alarmista e inflamatório está sempre presente e, no geral, o posicionamento da Fox News, representado pelos apresentadores e entrevistados, é o de que os EUA deveriam intervir de maneira agressiva, fazendo uso do amplo poder militar a sua disposição e enviando soldados ao terreno (*boots on the ground*), independentemente de solicitação ou autorização dos países envolvidos.

¹⁰⁶ <http://www.foxnews.com/transcript/2014/11/21/mccain-isis-winning-conflict-unfolding-testimony-obamas-indecision-and-fecklessness.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁰⁷ <http://www.foxnews.com/transcript/2014/10/03/jen-psaki-reacts-panetta-criticism-obama-iraq-policy-on-kelly-file.html>, acesso em 2 Set. 2018.

E como se as notícias da expansão do EI não fossem preocupantes por si só, a Fox News, via de regra, amplificava a tensão e dramatizava a situação, às vezes compartilhando opiniões alarmistas de ex-altos funcionários, muitas vezes membros de gestões republicanas passadas, para provocar comentários dos entrevistados. Em 10 de outubro de 2014, por exemplo, o entrevistado da vez, General Richard Bowman Myers, chefe do Estado-Maior Conjunto durante a gestão George W. Bush, é confrontado com suporte temor do ex-Secretário de Defesa Leon Panetta diante da situação:

*MEGYN KELLY, HOST: OK. But here's what I'm asking -- this isn't to get you to be political, which you aren't. But when I listen to Leon Panetta, he sounds scared. He sounds scared about whether or not we have somebody in the White House right now who will do the things that are needed to keep us safe. And it seems like he's saying, this is why I wrote the book, because I'm trying to pressure him to act on what I, Leon Panetta, believe to be his courage. If only he will act on it. And do you have similar concerns?*¹⁰⁸

Tanto antes como depois do anúncio dos bombardeios, Obama é visto pela Fox News como relutante e como um presidente que ignora as recomendações de seus conselheiros militares pedindo o ataque. Já quando ataques bem-sucedidos são relatados, Obama não é mencionado pela Fox News, como se verifica no material do dia 23 de setembro, em que somente o Pentágono é citado¹⁰⁹.

A mesma tendência da Fox News de indicar que Obama mesmo quando age faz pouco – e é questionado pelas instâncias militares da sua própria gestão – pode ser vista em “Generals stand up against President Obama's ISIS strategy” e “Examining Obama's history of rejecting military recommendations”, ambas matérias veiculadas no *The Kelly File*, respectivamente em 18 e 22 de setembro:

MEGYN KELLY, HOST: General Jack Keane is chairman of the Institute for the Study of War, and former army vice chief of staff and he joins me now. Good to see you, General. Let me just start with what your reaction is now to what we heard from General Mattis and what we've seen from those four other generals coming out and saying the president has mis-stepped here.
*GENERAL JACK KEANE, FORMER ARMY VICE CHIEF OF STAFF: Well, I share their views. I mean, we listened to the president's speech last Wednesday, defined an end state, which I think everybody agreed with defeat and destroy and he defined a general framework which seemed to satisfy most of us in our concerns. But then since the last week when all the details came out about what is the actual implementation plans, we have fundamental concerns.*¹¹⁰

¹⁰⁸ <http://www.foxnews.com/transcript/2014/10/13/question-leadership-obama-foreign-policy-cause-for-concern.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹⁰⁹ <http://www.foxnews.com/transcript/2014/09/24/debriefing-first-wave-airstrikes-syria-isis-was-main-target-imminent-attack-al-qaeda-link.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹¹⁰ <http://www.foxnews.com/transcript/2014/09/19/generals-stand-up-against-president-obama-isis-strategy.html>, acesso em 2 Set. 2018.

MEGYN KELLY, HOST: In the last couple of weeks, President Obama has spelled out his initial strategy for taking on the terror army known as ISIS. A plan involving what he calls a broad coalition of countries, a series of U.S. air strikes and support for fighters in both Iraq and Syria who are supposed to battle the terrorists on the ground.

But what is getting the most attention is what the plan does not involve -- a growing chorus of top military leaders asking why this president is ruling out the option of using American troops in combat. We are seeing headlines like the Washington Times report on how a former commander says, "Nixing U.S. ground troops damages the international coalition." The Daily Beast asking, "Can Obama keep his generals in check in the war against ISIS?" The final times writes quote, "Obama's isolation deepens over ISIS as it reports on the split with his generals." While the Pittsburgh Post-Gazette says, quote, "White House military divided on use of troops against Islamic State. A headline in The Washington Post, reads, "In military, skepticism of Obama's plan." And you heard that right here on the program last night.¹¹¹

Abordagem positiva pedindo apoio ao presidente veio apenas colateralmente, como nas poucas ocasiões em que integrantes da gestão Obama eram entrevistados ou, mais raramente ainda, quando o deputado republicano Peter King, questionado sobre as críticas ao presidente Obama e sua estratégia de combate ao EI, saiu em defesa deste:

MEGYN KELLY, HOST: I want to bring in Congressman Peter King, who's a member of the House Homeland Security Committee and chairman of the subcommittee on counterterrorism and intelligence.

So Congressman, you're reaction now, because the president came under some criticism for waiting too long to launch the air strikes that he said he was going to launch. The White House said we're building a coalition. Tonight we're getting our first look at what that coalition -- how it looks. Five Muslim countries, Sunnis who will be fighting other Sunnis, no European allies. Your thoughts.

REP. PETER KING, R-N.Y.: I think it's a major step by the president. I think it's important for all Americans to support the president. I and others have been calling for this nearly for a number of weeks now if not months. But the bottom line it is being done. If there are -- and obviously there are these Arab nations involved, Sunni Arab nations. This is a very, very positive step.¹¹²

¹¹¹ <http://www.foxnews.com/transcript/2014/09/22/examining-obama-history-rejecting-military-recommendations.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹¹² <http://www.foxnews.com/transcript/2014/09/22/rep-peter-king-calls-on-americans-to-support-president-obama-amid-syria.html>, acesso em 2 Set. 2018.

FOX NEWS				
Período de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2014				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	73	10	83
2. Adjetivação pessoa	0	17	0	17
3. Adjetivação ato/posição/política	0	51	0	51
4. Citação direta	0	24	3	27

Antes do anúncio (1 de janeiro a 10 de setembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	44	2	46
2. Adjetivação pessoa	0	8	0	8
3. Adjetivação ato/posição/política	0	33	0	33
4. Citação direta	0	9	1	10

Depois do anúncio (11 de setembro a 31 de dezembro de 2014)				
Obama	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido	Total
1. Mencionado	0	29	8	37
2. Adjetivação pessoa	0	9	0	9
3. Adjetivação ato/posição/política	0	18	0	18
4. Citação direta	0	15	2	17

Cabe ainda mencionar que outro tema recorrente na Fox News é o islã. A abordagem geralmente é tendenciosa, como se querendo afirmar que o “islã declarou guerra contra os EUA”¹¹³ e que existe um mundo islâmico unificado que opina também de maneira uniforme sobre as ações americanas e representa um risco só por existir¹¹⁴.

¹¹³ “Radical Islam in America: Is Islam truly a religion of peace?”, 13 de outubro de 2014. Disponível em: <http://www.foxnews.com/transcript/2014/10/13/radical-islam-america-islam-truly-religion-peace.html>, acesso em 2 Set. 2018.

¹¹⁴ “Muslim world's reaction to US airstrikes against ISIS”, 23 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www.foxnews.com/transcript/2014/09/24/muslim-worlds-reaction-us-airstrikes-against-isis.html>, acesso em 2 Set. 2018.

5. PESQUISAS DE OPINIÃO

As pesquisas de opinião realizadas antes e depois do anúncio da estratégia de Obama, embora não constituam o objeto principal do presente estudo, ajudam a compor o quadro em que se inseriram as decisões de política externa e de segurança do presidente norte-americano em relação ao EI em 2014, bem como a recepção destas pelo cidadão norte-americano.

5.1. PESQUISAS REALIZADAS ANTES DO ANÚNCIO DA ESTRATÉGIA DE OBAMA

Em junho de 2014, pesquisa¹¹⁵ do Gallup feita com 1.010 adultos, com 18 ou mais anos de idade, vivendo em todos os 50 estados e no Distrito de Columbia dos EUA, indicava que a maioria dos americanos se opunha a ação militar direta dos EUA para apoiar o governo iraquiano na luta contra o EI: 54% dos ouvidos se opunham, enquanto 39% eram a favor de ação militar norte-americana. Segundo indicou o Gallup, tratava-se de um nível de oposição superior a potenciais ações militares em décadas anteriores.

Figura 6 – Tabela com pesquisas de opinião sobre potenciais ações militares dos EUA

Opinion of Potential U.S. Military Actions

Country/Region	Polling dates	Favor	Oppose	No opinion
		%	%	%
Iraq	Jun 20-21, 2014	39	54	7
Syria	Sep 3-4, 2013	36	51	13
Iraq	Mar 14-15, 2003	64	33	3
Afghanistan	Oct 5-6, 2001	82	14	4
Kosovo/The Balkans	Feb 19-21, 1999	43	45	12
Iraq/Persian Gulf	Jan 11-13, 1991	55	38	4

GALLUP®

Fonte: Gallup

Como demonstra a pesquisa do Gallup, o nível de apoio a uma potencial ação militar no Iraque encontrava-se, em junho de 2014, em patamar bastante próximo da medição feita em relação à Síria em setembro do ano anterior – precisamente o momento em que o presidente Obama decidiu insistir na via diplomática e não enviar tropas à Síria, a despeito de o regime

¹¹⁵ Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/171968/support-iraq-military-action-low-historical-context.aspx>. Acesso em 8 Set. 2018.

Assada ter, ao que tudo indicava, cruzado a linha vermelha definida pelo próprio Obama (o uso de armas químicas no conflito).

Ainda de acordo o Gallup, os republicanos ouvidos pela pesquisa eram em sua maioria (52%) favoráveis a uma ação militar dos EUA no Iraque contra o EI. Em comparação com democratas (18%) e independentes (22%), mais republicanos (34%) se declararam “muito preocupados” com a situação no Iraque.

Figura 7 – Tabela com pesquisa de opinião sobre potencial ação militar dos EUA no Iraque por partido político em junho de 2014

Support for Military Action in Iraq, by Political Party
Do you favor or oppose the United States taking direct military action in Iraq to assist the Iraqi government in fighting militants there?

	Favor	Oppose
	%	%
Republicans	52	45
Independents	39	54
Democrats	34	60

June 20-21, 2014
GALLUP®

Fonte: Gallup

Em junho de 2014, segundo pesquisa¹¹⁶ do Gallup, 61% dos americanos ainda apoiavam a decisão de 2011 do presidente Obama de retirar praticamente todas as tropas norte-americanas do Iraque. Tal apoio, porém, é significativamente menor do que em outubro de 2011, quando 75% dos americanos eram favoráveis à retirada do Iraque. À medida que a situação de segurança no Iraque se deteriora e o EI surge e se fortalece, o apoio à retirada das tropas apresenta queda entre a população americana.

Figura 8 – Tabela com pesquisas de opinião sobre retirada das tropas dos EUA do Iraque

Americans' Opinions on Withdrawal of Nearly All U.S. Troops From Iraq
Turning to Iraq, do you approve or disapprove of President Obama's 2011 decision to withdraw nearly all U.S. troops from Iraq?

	% Approve	% Disapprove	% No opinion
Jun 20-21, 2014	61	34	4
Oct 29-30, 2011 [^]	75	21	5

[^] Question wording: Turning to Iraq, do you approve or disapprove of President Obama's decision to withdraw nearly all U.S. troops from Iraq by the end of the year?
GALLUP®

Fonte: Gallup

¹¹⁶Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/171923/fewer-support-iraq-withdrawal-decision-2011.aspx>. Acesso em 8 Set. 2018.

Se nos anos iniciais da invasão do Iraque pelos EUA a maioria dos americanos considerava acertada a decisão do envio de tropas ao país, desde meados de 2005 a maioria passou a considerar referida decisão como um erro. Em junho de 2014, 57% dos americanos avaliava que o envio de tropas dos EUA ao Iraque fora um erro.

Figura 9 – Tabela com pesquisas de opinião sobre a decisão dos EUA de 2003 de enviar tropas do Iraque

Fonte: Gallup

Pesquisa¹¹⁷ conduzida pelo *Pew Research Center* julho de 2014 também indicava que a maioria dos americanos não deveriam assumir a responsabilidade de agir para conter a escalada da violência no Iraque. Segundo dados da pesquisa, realizada com 1.805 adultos, com 18 ou mais anos de idade, vivendo em todos os 50 estados e no Distrito de Columbia dos EUA, entre os dias 8 e 14 de julho de 2014, 55% dos entrevistados disseram que os EUA não tinham responsabilidade de fazer algo em relação à violência no Iraque, ao passo que 39% indicaram que entender que país tinha tal responsabilidade. Embora apenas 39% dos entrevistados tenham indicado haver responsabilidade dos EUA de atuar, é relevante notar que este número é superior ao indicado pelo público, em dezembro de 2012, em relação a uma ação na Síria¹¹⁸ e, em março de 2011, sobre uma intervenção na Líbia¹¹⁹.

¹¹⁷ Disponível em: <http://www.people-press.org/2014/07/18/most-think-the-u-s-has-no-responsibility-to-act-in-iraq/>. Acesso em 8 Set. 2018.

¹¹⁸ Disponível em: <http://www.people-press.org/2012/12/14/public-says-u-s-does-not-have-responsibility-to-act-in-syria/>. Acesso em 8 Set. 2018.

¹¹⁹ Disponível em: <http://www.people-press.org/2011/09/08/libya-steady-views-declining-interest/>. Acesso em 8 Set. 2018.

Figura 10 – Pesquisas de opinião sobre potencial envolvimento dos EUA no Iraque em 2014

Fonte: *Pew Research Center*

Importante destacar o elevado nível de conhecimento (*awareness*) sobre a situação no Iraque: segundo a pesquisa, 45% do público tinha ouvido falar bastante sobre a violência no Iraque e a tomada de vastas porções do território do país pelo EI.

5.2. PESQUISAS REALIZADAS APÓS O ANÚNCIO DA ESTRATÉGIA DE OBAMA

Em setembro de 2014, após o anúncio da estratégia de combate aos EI por Obama, mas antes do início dos ataques aéreos, o Gallup realizou nova pesquisa¹²⁰ questionando a aprovação ou desaprovação ao plano para 1.013 adultos, com 18 ou mais anos de idade, vivendo em todos os 50 estados e no Distrito de Columbia dos EUA. Os resultados indicavam que 60% dos americanos aprovava a campanha militar dos EUA contra o EI no Iraque e na Síria, uma taxa

¹²⁰ Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/177263/slightly-fewer-back-isis-military-action-past-actions.aspx>. Acesso em 8 Set. 2018.

de aprovação abaixo da média (68%) das últimas 10 ações militares norte-americanas, segundo dados do próprio Gallup.

Figura 11 – Tabela com pesquisas de opinião sobre a ações militares dos EUA

Approval/Disapproval for U.S. Military Actions After They Began

Country/Region	Polling dates	% Approve	% Disapprove
Iraq and Syria	2014 Sept 20-21	60	31
Libya	2011 Mar 21	47	37
Iraq	2003 Mar 20	76	20
Afghanistan	2001 Oct 7	90	5
Kosovo/The Balkans	1999 Apr 30-May 2	51	45
Afghanistan and Sudan	1998 Aug 20	66	19
Somalia	1993 Jun 18-21	65	23
Iraq	1993 Jan 13	83	9
Persian Gulf	1991 Jan 16	79	15
Libya	1986 Apr 17-18	71	21
Grenada	1983 Oct 26-27	53	34

Wording of 2014 question: "Next, we have a question about the military action the United States is taking in Iraq and Syria against Islamic militants, commonly known as ISIS. Do you approve or disapprove of this U.S. military action?"

Note: Gallup did not ask an approve/disapprove question after the 1989 invasion of Panama.

GALLUP

Fonte: Gallup

A mesma pesquisa indicava que a maioria dos americanos era contra o envio de tropas (*boots on the ground*) dos EUA ao Iraque e à Síria: 54% eram contra a medida, ao passo que 40% eram favoráveis – dado esse que está em linha com a pesquisa mencionada anteriormente que indicava, de forma consistente ao longo dos últimos anos, que a maioria dos norte-americanos viam como um erro a decisão de ocupar o Iraque.

Cabe ressaltar a grande diferença de opinião entre republicanos e democratas no que toca a possibilidade de envio de tropas ao terreno para combater o EI. Enquanto somente 30% dos democratas apoiariam tal potencial medida, 61% dos republicanos seriam favoráveis ao referido curso de ação.

Figura 12 – Tabela com pesquisas de opinião sobre o potencial envio de tropas dos EUA ao Iraque e à Síria em setembro de 2014

Would you favor or oppose the United States sending ground troops to Iraq and Syria in order to assist groups in those countries that are fighting the Islamic militants?

	Favor	Oppose	No opinion
	%	%	%
National adults	40	54	6
Democrats	30	63	7
Independents	35	59	6
Republicans	61	36	3

Sept. 20-21, 2014

GALLUP

Fonte: Gallup

O *Pew Research Center* também realizou duas pesquisas para medir como o público norte-americano avaliava o plano militar de Obama para combater o EI no Iraque e na Síria. Em pesquisa¹²¹ realizada com 1.003 adultos, com 18 ou mais anos de idade, vivendo em todos os 50 estados e no Distrito de Columbia dos EUA, entre 11 e 14 de setembro, 53% dos entrevistados indicaram aprovação ao plano de Obama, contra 29% que manifestaram sua desaprovação. Cumpre notar que esta medição foi realizada após o pronunciamento de Obama, mas antes do início efetivo dos bombardeios na Síria. Já na pesquisa¹²² realizada em outubro, tanto a taxa de aprovação quanto a de desaprovação foram maiores, diante de um número menor de entrevistados que disseram não saber. Entre os 2.003 adultos, com 18 ou mais anos de idade, vivendo em todos os 50 estados e no Distrito de Columbia dos EUA, entrevistados entre 11 e 14 de setembro, 57% afirmaram aprovar a campanha militar dos EUA contra o EI no Iraque e na Síria, contra 33% que manifestaram sua desaprovação.

¹²¹ Disponível em: <http://www.people-press.org/2014/09/15/bipartisan-support-for-obamas-military-campaign-against-isis/>. Acesso em 8 Set. 2018.

¹²² Disponível em: <http://www.people-press.org/2014/10/22/support-for-u-s-campaign-against-isis-doubts-about-its-effectiveness-objectives/>. Acesso em 8 Set. 2018.

CONCLUSÃO

O plano de combate ao EI no Iraque e na Síria, lançado pelo presidente Obama em setembro de 2014, caracterizou-se por incluir ação militar direta apenas por via aérea, mas sem envio de tropas para combate no terreno. Previa-se, além de uma sistemática campanha de bombardeios aéreos, o aumento do apoio logístico e militar às forças iraquianas, o fortalecimento de medidas não-militares de combate ao terrorismo e o fornecimento de assistência humanitária aos civis afetados pelo EI. Embora não contemplasse uma incursão maciça de tropas, ao incluir ataques aéreos contra alvos na Síria o plano significou uma inflexão na posição da administração Obama, que vinha, desde o acirramento do conflito no país árabe, evitando uma intervenção militar direta.

A estratégia de Obama foi construída em contexto de tensão internacional e crescente pressão política interna. Enquanto os esforços diplomáticos para solucionar o conflito patinavam e a Rússia se opunha firmemente à adoção pelo CSNU de qualquer medida coercitiva contra a Síria, o EI aproveitava-se do vácuo estatal naquele país para acumular significativas conquistas de territórios, fontes de financiamento e de combatentes, que o permitiram avançar com igual rapidez pelo território iraquiano. O progresso do grupo terrorista veio acompanhado de toda sorte de barbaridades praticadas contra civis nas áreas conquistadas, incluindo a execução de reféns norte-americanos, em ações filmadas e transmitidas pela internet para chocar o mundo todo.

Em um país que se acostumara a não poupar esforços para combater o terrorismo e proteger seus cidadãos de novos atentados, o crescente poderio acumulado pelo EI servia de material para que os opositores de Obama. Particularmente motivados pelas eleições parlamentares vindouras em novembro daquele ano, os críticos do presidente reiteraram o repúdio a sua decisão de retirada de tropas do Iraque em 2011 e acusaram-no de ficar inerte diante dos avanços das milícias islâmicas no Oriente Médio. Para Obama, no entanto, a saída do Iraque e o distanciamento de novas intervenções militares fizeram parte da sua plataforma eleitoral e vinham na esteira do cansaço da opinião pública norte-americana provocado pelo prolongamento das campanhas no Afeganistão e no próprio Iraque, com os custos humanos e materiais a elas associados.

A análise dos 125 editoriais do NYT, WP e WSJ escritos ao longo de 2014 sobre o tema demonstrou a enorme importância atribuída à questão do combate ao EI, frequentemente revisitada pelos conselhos editoriais das publicações. Evidenciou também o tom majoritariamente negativo em relação à forma como Obama tratava da questão, tendo o

presidente recebido publicações predominantemente favoráveis em apenas seis ocasiões. Mais significativa ainda foi a constatação de que nenhum dos editoriais favoráveis ao mandatário foi publicado após o lançamento da estratégia; pelo contrário, a proporção de textos negativos (*versus* ambíguos) aumentou em relação ao período anterior ao anúncio por Obama de seu plano estratégico. Claramente, portanto, na visão dos três periódicos, o plano não atendeu às expectativas e necessidades impostas pela situação, não sendo, pois, merecedor de elogios, senão de críticas ainda mais acentuadas.

Nas duas redes de televisão analisadas, a cobertura do tema também se revelou muito intensa, com 189 matérias indo ao ar em 2014, apenas no horário nobre. Se no caso da imprensa escrita houve uma frequência maior de editoriais publicados após o lançamento da estratégia de Obama, na CNN e na Fox News a frequência das matérias veiculadas diminuiu em comparação ao período anterior ao anúncio do plano – o que provavelmente decorre do maior apelo na mídia televisiva da escalada das ações e execuções realizadas pelo EI até agosto de 2014. A análise demonstrou que, na televisão, o total de matérias ambíguas em relação à atuação de Obama superou aquelas de tom negativo; mas o número de menções positivas foi ainda menor que nos periódicos impressos, já que apenas uma matéria foi favorável ao presidente. Aqui também se evidenciou uma cobertura bastante frequente do tema e, ainda que na maioria das vezes o tom tenha sido ambíguo, a frequência das críticas foi também significativa, com 85 matérias com esta conotação.

Guardadas as respectivas particularidades, seja do meio em geral seja do veículo em particular, a análise demonstrou que os cinco principais veículos de imprensa de cobertura política nos EUA se posicionaram, na maioria das vezes, de forma crítica à forma como Obama lidou com o EI no Iraque e na Síria. Ao buscar um difícil equilíbrio entre responder a uma situação dramática no terreno, frequentemente denunciada tanto pela comunidade internacional quanto pela imprensa doméstica, sem escalar ainda mais as tensões com a Rússia ou violar compromissos assumidos com o eleitor, a estratégia de Obama não foi bem recebida pelos veículos de imprensa analisados. Ao firmar uma posição da administração no enfrentamento da crise envolvendo o EI, sobretudo tendo em vista a eleição parlamentar de meio de mandato que ocorreria menos de 2 meses após o anúncio, a repercussão deste na imprensa não favoreceu a posição defendida pelo governo democrata. Assim, pode-se afirmar que ou a administração Obama não se deixou pautar primordialmente pelas críticas externadas pelos principais veículos de imprensa de cobertura política dos seu país ou, se o fez, não logrou atender às expectativas destes.

As pesquisas de opinião analisadas, por sua vez, indicaram, de forma geral, um apoio menor dos americanos a novas empreitadas militares (como seria o caso de uma eventual intervenção na Síria e no Iraque), em comparação com ações militares anteriores, como na invasão do Afeganistão, em 2001, e no ataque ao Iraque em 1991. A avaliação de que a ocupação do Iraque em 2003 foi um erro, evidenciada em sucessivas pesquisas de 2005 em diante, parece estar por trás dessa menor inclinação por novas incursões militares, tanto que, mesmo quando apoiam algum tipo de ação no combate ao EI, os norte-americanos, em sua maioria, se posicionam contrariamente ao envio de tropas para combate no terreno.

Se análise documental realizada indica que as críticas formuladas pela maioria dos veículos de imprensa exerceram pressão sobre o presidente, mas não parecem ter sido decisivas na formulação da sua estratégia militar para combater o EI, o exame das pesquisas de opinião demonstra um alinhamento do público em relação à política externa e de segurança de Obama para o EI, sobretudo por conta do menor apetite da população por novas aventuras militares no Oriente Médio. Nesse sentido, é possível que a formulação da estratégia de combate ao EI prevendo ataques diretos apenas por via aérea e apoio material e técnico reforçado ao exército local tenha sido guiada mais pelo posicionamento expresso pelo cidadão norte-americano nas pesquisas de opinião do que pelas críticas publicadas pelos veículos de imprensa.

As restrições de tempo disponível para a pesquisa e a limitação de acesso a documentos oficiais ainda resguardados por sigilo decorrente de lei delimitaram o escopo do estudo apresentado. Espera-se, porém, que o levantamento e a análise documental contidos nesta dissertação, bem como as considerações apresentadas a título de conclusão possam servir de base para futuros estudos, que se dediquem a tentar correlacionar a evolução da cobertura da imprensa política e os resultados das pesquisas de opinião com decisões e políticas formuladas pelo governo Obama em relação ao EI.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, Simon. *Libya and the Responsibility to Protect*. Occasional Paper Series no. 3, October 2012. New York: Global Centre for the Responsibility to Protect, 2012.

AKOR, Ambrose. *The Media, Public Opinion and British Foreign Policy*. Manchester, UK: The University of Manchester, 2011.

BOULDEN, Jane; **WEISS**, Thomas G. *Terrorism and the UN: Before and After September 11*. Bloomington: Indiana University Press, 2004.

DEMANT, Peter. *Imperialismo e guerra civil no mundo árabe: a tragédia síria: parte 1 a virada antiintervencionista*. Malala, São Paulo, n. 2, p. 15-38, mar. 2014.

DEMANT, Peter. *Imperialismo e guerra civil no mundo árabe: a tragédia síria: aporias e consequências da falta de intervir*. Malala, São Paulo, n. 3, p. 17-43, dez. 2014.

DEMANT, Peter; **FINGUERUT**, Ariel. *The United States in the Middle East (2001-2014): from intervention to retrenchment*. Brazilian Journal of International Relations, edição quadrimestral, volume 4, edição 3, 2015, p. 443-475.

DREYFUSS, Robert. *Obama's Woman Advisors Pushed War Against Libya*. The Nation, Nova York, 19 de março de 2011. Disponível em <http://www.thenation.com/blog/159346/obamas-women-advisers-pushed-war-against-libya#>.

FONSECA Jr., Gelson. *Dever de proteger ou nova forma de intervencionismo?*, in Nelson A. Jobim, Sérgio W. Etchegoyen e João P. Alsina (org.), *Segurança internacional: perspectivas brasileiras*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

FOYLE, Douglas C. *Public Opinion and Foreign Policy: Elite Beliefs as a Mediating Variable*. International Studies Quarterly, vol. 41, n. 1, pp. 141-169. Hoboken: Wiley, Mar. 1997.

HOLSTI, Ole R. *Public Opinion and American Foreign Policy*. Michigan: The University of Michigan Press, 2004.

IGNATIEFF, Michael. *Why are we in Iraq? (And Liberia? And Afghanistan?)*. New York Times Magazine, Nova York, 7 de setembro de 2003.

KRIPPENDORFF, Klaus. *Content Analysis: an introduction to its methodology*. Thousand Oaks, USA: Sage, 2004.

LIZZA, Ryan. *The Consequentialist: How the Arab Spring Remade Obama's Foreign Policy*. The New Yorker, Nova York, 2 de maio de 2011.

MALONE, David M. *The International Struggle for Iraq: Politics in the UN Security Council 1980-2005*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

MCGOLDRICK, Dominic. *From '9-11' to the 'Iraq War 2003': International Law in an Age of Complexity*. Oxford: Hart Publishing, 2004.

MCKINNEY, Cynthia (org.). *The Illegal War on Libya*. Atlanta: Clarity Press, 2012.

MELLO, Celso D. A. *Direito internacional público*, vols. I-II. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

NINCIC, Miroslav. *A Sensible Public: new perspectives on popular opinion and foreign policy*. Journal of Conflict Resolution, volume 36, issue 4, December 1992, p. 772-789.

PATRICK, Stewart. *Libya and the Future of Humanitarian Intervention*. Foreign Affairs, 26 de agosto de 2011. Disponível em www.foreignaffairs.com/articles/68233/stewartpatrick/libya-and-the-future-of-humanitarian-intervention (consulta em 12 de dezembro de 2012).

SAROOSHI, Danesh. *The United Nations and the Development of Collective Security*. Oxford: Clarendon Press, 1999.

SEVERINO, Antônio J. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TRINDADE, Antonio Augusto Cançado. *O Direito Internacional em um mundo em transformação*. São Paulo-Rio de Janeiro: Renovar, 2002.

VIOTTI, Maria Luiza Ribeiro et al. *O Brasil no Conselho de Segurança da ONU 2010-2011*. Brasília: FUNAG, 2014.

WEISS, Thomas G. Weiss; **DAWS**, Sam. *The Oxford Handbook on the United Nations*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

APÊNDICE

Tabela 1 – NYT até a data do anúncio

Nome do veículo:	NYT		
Período:	1/janeiro a 10/set de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Editoriais			
1.1. Capa			
1.2. Miolo	4	3	9
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado	6	3	8
1.1.2. Adjetivação pessoa	2		2
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política	5	2	1
1.1.4. Citação direta	1		3
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado	2		2
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política	1		1
1.1.4. Citação direta			1
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			2
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado		1	
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado		1	2
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado		1	4
1.1.2. Adjetivação ato/posição			2
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

Tabela 2 – NYT após o anúncio

Nome do veículo:	NYT		
Período:	11/set a 31/dez de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Editoriais			
1.1. Capa			
1.2. Miolo		15	5
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado		14	6
1.1.2. Adjetivação pessoa		4	
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		8	1
1.1.4. Citação direta		3	
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado		2	1
1.1.2. Adjetivação pessoa	1		
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		1	
1.1.4. Citação direta			
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado		3	4
1.1.2. Adjetivação ato/posição		2	
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado		1	5
1.1.2. Adjetivação ato/posição		1	

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado		1	
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado		4	7
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			1
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado		10	1
1.1.2. Adjetivação ato/posição		7	

Tabela 3 – WP até a data do anúncio

Nome do veículo:	WP		
Período:	1/janeiro a 10/set de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Editoriais			
1.1. Capa			
1.2. Miolo	2	24	7
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado	2	17	8
1.1.2. Adjetivação pessoa	3	7	
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política	4	13	2
1.1.4. Citação direta			3
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado	1	4	9
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		3	
1.1.4. Citação direta		2	2
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado			2
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1
2. Órgãos			
2.1. White House		1	6
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado		1	
1.1.2. Adjetivação ato/posição		1	

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação ato/posição			1
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado	1	12	6
1.1.2. Adjetivação ato/posição	1	8	
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			2
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado		2	6
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

Tabela 4 – WP após anúncio

Nome do veículo:	WP		
Período:	11/set a 31/dez de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Editoriais			
1.1. Capa	0	0	0
1.2. Miolo	0	13	4
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado	1	11	3
1.1.2. Adjetivação pessoa		3	
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política	4	10	
1.1.4. Citação direta		2	1
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado			2
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			2
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado		1	1
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		1	
1.1.4. Citação direta			
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			2
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			2
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado		4	4
1.1.2. Adjetivação ato/posição		4	
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado		4	5
1.1.2. Adjetivação ato/posição		4	
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado		2	2
1.1.2. Adjetivação ato/posição		2	

Tabela 5 – WSJ até a data do anúncio

Nome do veículo:	WSJ		
Período:	1/janeiro a 10/set de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Editoriais			
1.1. Capa			
1.2. Miolo		19	6
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado	0	18	2
1.1.2. Adjetivação pessoa	0	3	1
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política	0	17	0
1.1.4. Citação direta	0	7	0
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado		1	2
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		1	
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado			6
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			4
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado		2	5
1.1.2. Adjetivação ato/posição		1	2
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado			5
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado		1	1
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado		7	6
1.1.2. Adjetivação ato/posição		3	
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado		1	4
1.1.2. Adjetivação ato/posição		1	

Tabela 6 – WSJ após anúncio

Nome do veículo:	WSJ		
Período:	11/set a 31/dez de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Editoriais			
1.1. Capa			
1.2. Miolo		10	4
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado		11	1
1.1.2. Adjetivação pessoa		4	
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		11	
1.1.4. Citação direta		1	
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado			2
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado	1	1	5
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado			4
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado		3	2
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado		1	2
1.1.2. Adjetivação ato/posição		1	

Tabela 7 – CNN até a data do anúncio

Nome do veículo:	CNN		
Período:	1/janeiro a 10/set de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Matérias			
1.1. Abertura			22
1.2. Meio/fim		1	24
1.3. Curta			12
1.4. Longa		1	34
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado		1	33
1.1.2. Adjetivação pessoa		1	1
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta		1	18
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado			4
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado			9
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			2
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado			6
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			2
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado		1	24
1.1.2. Adjetivação ato/posição		1	
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado			16
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			4
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado			13
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			4
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			9

Tabela 8 – CNN após anúncio

Nome do veículo:	CNN		
Período:	11/set a 31/dez de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Matérias			
1.1. Abertura			10
1.2. Meio/fim			19
1.3. Curta			12
1.4. Longa			17
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado			16
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			8
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado			6
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			4
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado			5
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado			8
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado			7
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado			5
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

Tabela 9 – Fox News até a data do anúncio

Nome do veículo:	FOX NEWS		
Período:	1/janeiro a 10/set de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo	Negativo	Indefinido
1. Matérias			
1.1. Abertura		8	
1.2. Meio/fim		43	14
1.3. Curta		45	14
1.4. Longa		6	
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado		44	2
1.1.2. Adjetivação pessoa		8	
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		33	
1.1.4. Citação direta		9	1
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado		1	2
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado		2	6
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		1	
1.1.4. Citação direta		2	
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado			5
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			1
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado		3	7
1.1.2. Adjetivação ato/posição		1	
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado		2	4
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado		2	6
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			1
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado		10	4
1.1.2. Adjetivação ato/posição		2	
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado			3
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado			20
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

Tabela 10 – Fox News após anúncio

Nome do veículo:	FOX		
Período:	11/set a 31/dez de 2014		
I. Unidades de análise	Positivo/Sim	Negativo/Não	Indefinido
1. Matérias			
1.1. Abertura		4	3
1.2. Meio/fim	1	29	11
1.3. Curta	1	31	12
1.4. Longa		3	1
II. Variáveis			
1. Pessoas			
1.1. Obama			
1.1.1. Mencionado		29	8
1.1.2. Adjetivação pessoa		9	
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política		18	
1.1.4. Citação direta		15	2
1.2. Biden			
1.1.1. Mencionado		1	
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			

1.3. Kerry			
1.1.1. Mencionado		5	3
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta		2	
1.4. Hagel			
1.1.1. Mencionado		1	1
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
1.5. Gen. Martin Dempsey			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação pessoa			
1.1.3. Adjetivação ato/posição/política			
1.1.4. Citação direta			
2. Órgãos			
2.1. White House			
1.1.1. Mencionado		2	4
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.2. Pentagon			
1.1.1. Mencionado	1	1	6
1.1.2. Adjetivação ato/posição			

2.3. State Department			
1.1.1. Mencionado			2
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.4. Defense Department			
1.1.1. Mencionado			
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.5. Obama Administration			
1.1.1. Mencionado		9	2
1.1.2. Adjetivação ato/posição		2	
2.6. CIA			
1.1.1. Mencionado		1	2
1.1.2. Adjetivação ato/posição			
2.7. Congress			
1.1.1. Mencionado			21
1.1.2. Adjetivação ato/posição			